VOLUME 2

CADERNO DA PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS

Coletivos literários nas periferias brasileiras: um retrato

PESQUISA PBL 2024

REALIZAÇÃO:

Lei Rouanet Fundo Nacional da Cultura
PERIFERIA BRASILEIRA DE LETRAS
FIOCRUZ
BRASIL BEM CUIDADO
SUS
MINISTÉRIO DA SAÚDE
MINISTÉRIO DA CULTURA
GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 6
Leonídio Sousa Santos

POLÍTICAS PÚBLICAS SAUDÁVEIS E A PBL 7
Coordenação Periferia Brasileira de Letras

REDE PBL 10

SAÚDE, CULTURA, CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NAS PERIFERIAS 14
Felipe Eugênio e Mariane Martins

PESQUISA MOSTRA AS PERIFERIAS COMO CENTROS DE PRODUÇÃO LITERÁRIA 20
Fabiano Piúba, Jéferson Assumção, Andressa Marques e Igor Ximenes Graciano - SEFLI - MINC

SARAUS COM LOBOS - AS AGUERRIDAS ATUAÇÕES DE COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFERIAS 24
Vanessa Almeida

LINHA DO TEMPO PBL 26

PESQUISA PBL 36
Rede Periferia Brasileira de Letras

SOBRE A PESQUISA PBL 38
Ana Luiza Canalli

PRÓXIMOS PASSOS 91

EXPEDIENTE 92

APRESENTAÇÃO

Leonídio Sousa Santos

Coordenador da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz

A **Coordenação de Cooperação Social (CCSP)** é o órgão da Presidência da Fiocruz que assume o compromisso de interagir com organizações da sociedade civil, movimentos sociais e o poder público para desenvolvimento de estratégias e iniciativas em escala local, regional e nacional que contribuam no enfrentamento e redução das desigualdades e iniquidades socioambientais em saúde.

Sua atuação se dá a partir do arcabouço teórico e conceitual da promoção da saúde, da Estratégia Fiocruz para Agenda 2030, do Programa Institucional de Territórios Saudáveis e Sustentáveis, em alinhamento com as resoluções dos Congressos Internos e decisões do Conselho Deliberativo, dos temas prioritários da Presidência da Fiocruz e da atual gestão do Ministério da Saúde.

A Cooperação Social adota metodologias participativas e territorializadas com objetivo de reforçar e ampliar as capacidades das populações vulnerabilizadas de mobilização, análise, proposição e controle social de políticas públicas e de defesa do SUS. Para tanto, articula-se em redes com Unidades Técnico-Científicas da Fiocruz – denominadas plataformas colaborativas – e estimula a construção de redes sociotécnicas com organizações de base sociocomunitária e movimentos sociais.

A **Periferia Brasileira de Letras (PBL)**) é uma iniciativa da Coordenação de Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, e está ancorada nos referenciais teórico, conceitual e metodológico de Promoção da Saúde. A concepção de que arte e a literatura são ações estratégicas para a ampliação da cidadania em territórios de favela, remete às diretrizes que, na Fiocruz, estão presentes no Programa Institucional de Territórios Saudáveis e Sustentáveis. Dentre as experiências desenvolvidas nas favelas de Manguinhos, no Rio de Janeiro, a PBL teve como ator embrionário o Ecomuseu de Manguinhos, o qual desenvolveu as Residências Literárias Favelofágicas e a Agenda Cultural Mandela Vive.

Destaca-se que a PBL ao se organizar como uma rede de coletivos literários de atuação em periferias em 10 estados brasileiros (Pará, Amapá, Pernambuco, Ceará, Bahia, Brasília, São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul) e desenvolver atividades de formação e mobilização poderá potencializar ações, a partir dos territórios, voltadas para políticas públicas saudáveis. Com a participação direta dos coletivos literários formados por bibliotecas comunitárias, saraus literários, grupos de teatro de rua, rodas de slam, círculos de leitura, residências literárias e selos editoriais, a PBL se apresenta no cenário nacional com desafio de aproximar os campos da literatura, escrita e leitura com o da Saúde, em seu sentido ampliado, para construção de conhecimento e ação política na perspectiva da melhoria da qualidade de vida e do bem viver.

POLÍTICAS PÚBLICAS SAUDÁVEIS E A PBL

Felipe Eugênio e Mariane Martins

Coordenação da Periferia Brasileira de Letras

A **Promoção da Saúde** é o referencial teórico no qual se ancora as ações desenvolvidas no eixo de arte e cultura na Cooperação Social da Fiocruz. Estimula-se a participação social e a incidência em políticas públicas de grupos lítero-culturais que se organizam em torno de ações de leitura e escrita na Periferia Brasileira de Letras (PBL).

O entendimento da saúde de modo ampliado, superando o modelo biomédico e dicotômico saúde e doença, é fundamental para reconhecer que a saúde se efetiva a partir de um estado completo de bem estar físico, mental e social, reconhecendo nos determinantes sociais da saúde tais como moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego motivos de vulnerabilização e adoecimento das populações.

Nos interessa desenvolver com este grupo, a PBL, variadas práticas da promoção da saúde para que os coletivos literários, como dínamos culturais, possam incidir na realidade de seus territórios. Buscamos criar ações que visam o controle social e a intersetorialidade para o aprofundamento da cidadania e a construção de políticas públicas saudáveis.

O entendimento da saúde de modo ampliado, superando o modelo biomédico e dicotômico saúde e doença, é fundamental para reconhecer que a saúde se efetiva a partir de um estado completo de bem estar físico, mental e social, reconhecendo nos determinantes sociais da saúde tais como moradia, alimentação, escolaridade, renda e emprego motivos de vulnerabilização e adoecimento das populações.

A contribuição da Fiocruz na Periferia Brasileira de Letras está na capacidade de traduzir dados complexos em informações acessíveis e úteis para os formuladores de políticas. Isso é feito por meio de estudos epidemiológicos, pesquisas socioeconômicas e análises de determinantes sociais da saúde, que fornecem uma base sólida para a tomada de decisões. Como instituição de pesquisa e inovação em saúde, a Fiocruz tem capacidade de produzir conhecimento científico de alta qualidade, que não apenas ilumina os desafios enfrentados por comunidades periféricas, mas também consegue propor soluções viáveis e sustentáveis. Ao dispor junto à PBL diversas ferramentas de pesquisa, a Cooperação Social da Presidência da Fiocruz reforça as vozes das comunidades periféricas no seu trabalho de serem partícipes no processo de elaboração de políticas, o que chamamos de políticas públicas saudáveis.

Para isto, realizamos uma pesquisa que tem por objetivo fornecer um retrato - que nos ajude a compreender e conhecer mais - da atuação de coletivos literários que atuam em periferias. Com os resultados desse trabalho, iniciaremos o longo percurso de compartilhamento com demais setores do poder público como as pastas de educação, cultura, assistência social, segurança pública, do poder executivo; com comissões parlamentares e com mandatos; sempre em prol da criação de resoluções intersetoriais dos problemas vividos pela faixa mais vulnerabilizada da população.

A percepção do setor da saúde como área estratégica para a redução das desigualdades e o aprofundamento do campo da cidadania, é um marco na história contemporânea do nosso país. O SUS é provavelmente a política pública mais revolucionária desse país (posto que desafia a lógica predominante de mercantilização da saúde e coloca o direito à saúde como um princípio universal, gratuito e equitativo), e é um exemplo concreto de como pode vir da saúde uma política pública que prioriza o bem-estar coletivo e a justiça social. O SUS incorpora a participação social em sua gestão. O papel ativo da sociedade civil, profissionais de saúde e gestores no Conselho de Saúde são pilares para o controle social do sistema. Nesse nosso exemplo, o Sistema Único de Saúde, apresentamos um mecanismo de redução das desigualdades dentro da Saúde, e que trabalha pela garantia de acesso a serviços de saúde de qualidade para as populações mais vulnerabilizadas.

Enxergar o setor da saúde como um pilar estratégico na redução das desigualdades significa reconhecer que ele não atua isoladamente, mas sim em conjunto com políticas públicas que visam não apenas melhores condições de vida para toda a população, mas o enfrentamento da iniquidade na materialização de tais políticas, o que significa, nesse caso do SUS e especialmente da PBL, buscar aproximação e colaboração com as comunidades mais empobrecidas economicamente. Deste modo, podemos dizer que a missão da PBL enquanto rede de coletivos literários de favelas e periferias está no trabalho de territorialização de políticas públicas saudáveis.

Dado queas Políticas Públicas Saudáveis são aquelas que detém por principal característica a participação popular desde as suas etapas de construção até o monitoramento; a proposta de territorialização seria, segundo Monken e Gondin, “um instrumento para se entender os contextos de uso do território em todos os níveis das atividades humanas (econômicos, sociais, culturais, políticos etc.), viabi-

Enxergar o setor da saúde como um pilar estratégico na redução das desigualdades significa reconhecer que ele não atua isoladamente, mas sim em conjunto com políticas públicas que visam não apenas melhores condições de vida para toda a população, mas o enfrentamento da iniquidade na materialização de tais políticas, o que significa, nesse caso do SUS e especialmente da PBL, buscar aproximação e colaboração com as comunidades mais empobrecidas economicamente.

lizando o “território como uma categoria de análise social” (Souza, 2004, p. 70); um caminho metodológico de aproximação e análise sucessivas da realidade para a produção social da saúde”.

As políticas públicas saudáveis tem sua base de formulação construída durante inúmeras Conferências Mundiais de Saúde e de Promoção da Saúde, com destaque para as cartas de Otawa, Adelaide e Jacarta. Baseadas na intersetorialidade, ou seja, na articulação entre setores e envolvendo diferentes saberes e esforços que, quando combinados, se mostram mais efetivos para transformações estruturantes do que as ações pensadas apenas em frentes isoladas, as políticas públicas saudáveis tem sua importância amplificada quando voltadas para territórios sócioambientalmente vulnerabilizados. A territorialização é, ao mesmo tempo, uma correção via equidade de direitos, assim como é uma valorização da produção local de conhecimento para proposição de medidas estruturantes que possam solucionar problemas sociais graves.

Esse caderno materializa os esforços da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz no reconhecimento de um tipo de ator político que traz marcos inovadores para o trabalho de reforço da cidadania em territórios socioambientalmente vulnerabilizados de centros urbanos: os coletivos literários. Este segundo volume reúne o resultado da pesquisa realizada em 10 estados brasileiros, com o nome: Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato.

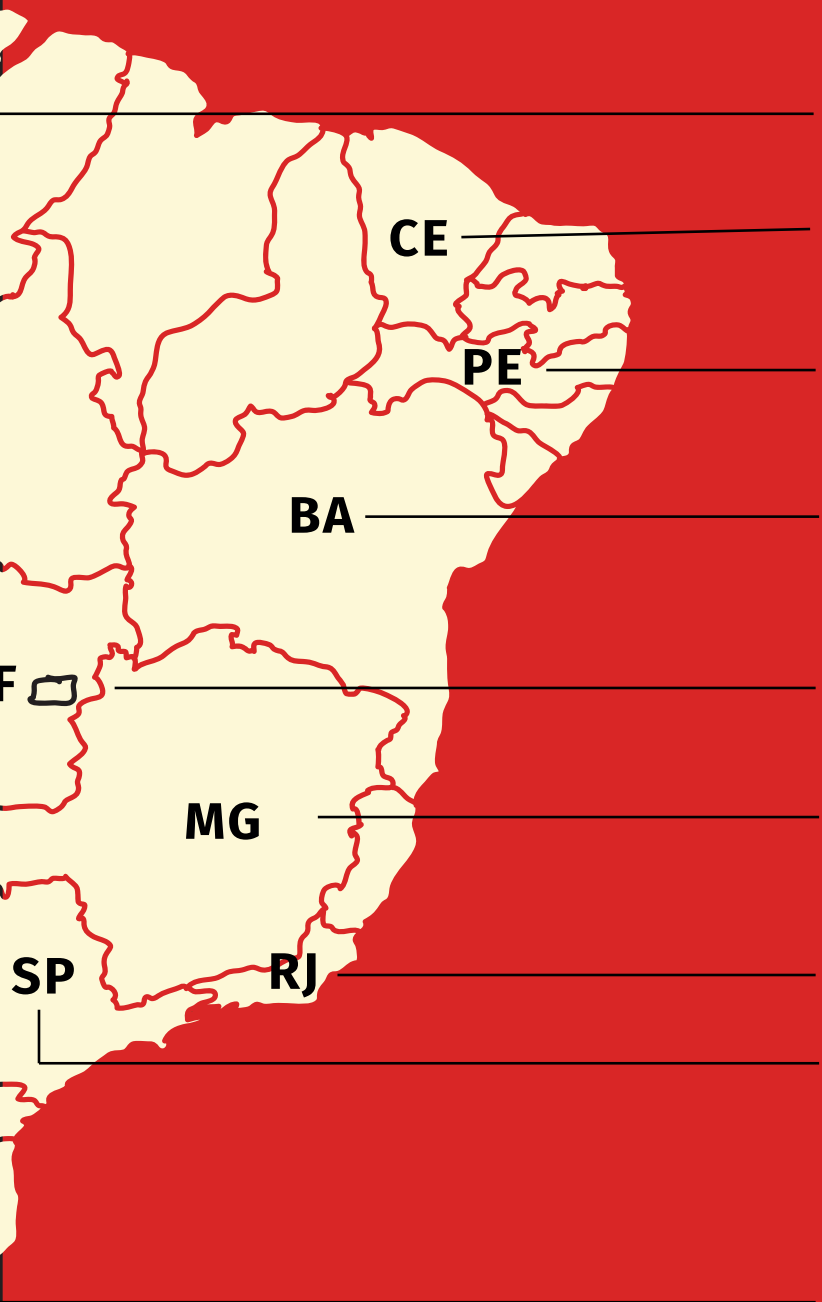
Através de um trabalho de base e calcado na solidariedade, em práticas colaborativas, mobilização popular, construção de indicadores e prospecção de cenários, a Periferia Brasileira de Letras busca amplificar as capacidades de parcerias interinstitucionais e aumentar a qualidade da interlocução com o poder público. Seu modo de organização em rede, a partir do qual produz ações coordenadas em 10 estados para incidir na territorialização de políticas públicas, terá neste caderno um importante conteúdo para tocar sua agenda política, se tornando, quando oportuno, representante daqueles que vivem sob as condições de adversidade impostas pelo sistema de iniquidades típicos do capitalismo periférico, a experiência brasileira e, mais ainda, a experiência das periferias de centros urbanos.

Através de um trabalho de base e calcado na solidariedade, em práticas colaborativas, mobilização popular, construção de indicadores e prospecção de cenários, a Periferia Brasileira de Letras busca amplificar as capacidades de parcerias interinstitucionais e aumentar a qualidade da interlocução com o poder público.

Este é o resultado do trabalho direto de mais de uma dezena de coletivos literários atuantes em favelas, e que envolveu um universo de 290 outros grupos espalhados em 10 regiões metropolitanas desse país.

Na PBL trabalhamos com uma noção ampliada de literatura que agrega uma diversidade de segmentos literários. Na experiência das periferias, além das já conhecidas formas de organização por meio das bibliotecas comunitárias e saraus poéticos, estão também as rodas rima, os slams, as editoras e selos independentes, os mutirões de cartoneira, os festivais literários, os grupos de teatro de rua, as residências de ficção, as geladotecas e as rodas de leitura que estabelecem em seus territórios novos espaços de experimentação artística e de formação crítica.

REDE PBL



Coletivo Juremas

Escambo Literário

Periferia que Lê

Biblioteca Comunitária
Caranguejo Tabaiares

Slam das Mulé
Grupo de Arte Popular A Pombagem

Coletivo Papo Reto

Coletivoz Sarau de Periferia

Ecomuseu de Manguinhos
Rolé Literário
Rede Baixada Literária

Editora Kitembo

Biblioteca Comunitária Girassol
Rede Beabah!

GRUPO DE ARTE POPULAR

O MUSEU É A RUA

A POMBAGEM

SLAM DAS MUZÉ

PERIFERI

ECOMUSEU DE MANGUINHOS

Baixada Literária

role li

beabah!

BIBLIOTECAS COMUNITÁRIAS - RS

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA girassol

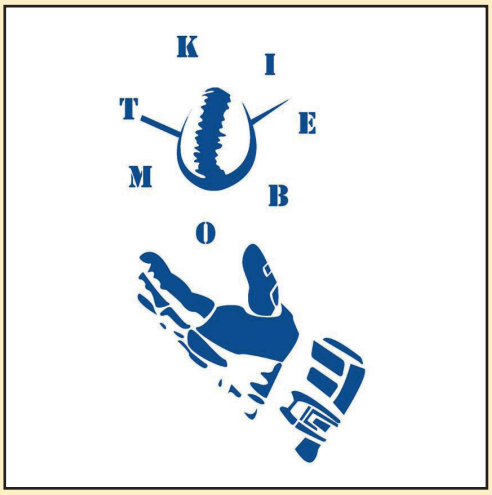
REDE PBL

A QUE LÊ

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA
CARANGUEJO TABAIARES

PAPO
RETO

terário


K I
T E
M B
O

Sarau de Periferia
Coletivoz
Desde 2008

COLETIVO
JUREMAS

COLETIVO
Belém - Pa
ESCAMBO LITERÁRIO

SAÚDE, CULTURA, CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO SOCIAL NAS PERIFERIAS

Felipe Eugênio e Mariane Martins

Coordenação da Periferia Brasileira de Letras

Pela segunda vez a Periferia Brasileira de Letras (PBL), rede nacional de coletivos literários periféricos coordenada pela Cooperação Social da Presidência da Fiocruz, realiza uma pesquisa: Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato. Desta vez, contou com a parceria do Ministério da Cultura (da Secretaria de Formação, LIvro e Leitura) e contou com mais dois estados: o Amapá e o Pará. Aplicada em 2024, a pesquisa mapeou a atuação de coletivos literários chegando a 10 estados brasileiros – os já mencionados Amapá (AP) e Pará (PA), e novamente: Bahia (BA), Pernambuco (PE), Ceará (CE), Distrito Federal (DF), Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP) e Rio Grande do Sul (RS). Assim como na primeira pesquisa, de 2022, nesta edição novamente buscamos, a partir dos dados coletados, ampliar o debate sobre a territorialização de políticas públicas saudáveis.

Após uma década de atuação no Complexo de favelas em Manguinhos, no eixo de arte, cultura e saúde, a Cooperação Social da Presidência da Fiocruz identifica na atividade coletivos literários periféricos um modo inovador de participação social. Estes coletivos, além do trabalho direto com literatura, em seus territórios atuam em parceria com outras áreas, realizando conexões com escolas, CRAS, serviços de saúde e ainda realizando ações na área de segurança alimentar, campanhas informativas, de combate à desinformação e de preservação ambiental.

A realização plena da escrita e da leitura são direitos humanos fundamentais para o desenvolvimento da cidadania, permitindo aos sujeitos pensarem criticamente, com habilidades que permitam lutarem por seus direitos em uma sociedade complexa como a contemporânea. E este, que foi um dos enfoques do trabalho da Fiocruz com a PBL, observando os determinantes sociais da saúde, encontrou desdobramentos quando se percebeu que coletivos culturais, em especial os literários, são dínamos culturais dos seus territórios de periferia. No que trazem como característica

Após uma década de atuação no Complexo de favelas em Manguinhos, no eixo de arte, cultura e saúde a Cooperação Social da Presidência da Fiocruz identifica na atividade coletivos literários periféricos um modo inovador de participação social. Estes coletivos, além do trabalho direto com literatura, em seus territórios atuam em parceria com outras áreas, realizando conexões com escolas, CRAS, serviços de saúde e ainda realizando ações na área de segurança alimentar, campanhas informativas, de combate à desinformação e de preservação ambiental.

serem espaços de participação social - em tempos de esvaziamento desses mesmos espaços em favelas brasileiras.

A participação social é um dos pilares do projeto, a coordenação-Fiocruz tomou a tarefa de estimular os coletivos literários da PBL a buscarem tecnologias sociais que possibilitem a mobilização e o engajamento social. Tais práticas, se bem sucedidas, são fundamentais para o controle social e a territorialização das políticas públicas. Enquanto rede e instituição de pesquisa, a PBL e a Fiocruz, buscam ativamente formas inovadoras para ativar intervenções cidadãs.

Estamos tratando da expansão da democracia. Como disseram os sanitaristas do Centro Brasileiro De Estudos De Saúde (CEBES), “democracia é saúde; saúde é democracia”. Pois a expansão da cidadania para os mais empobrecidos, aliada ao fortalecimento da democracia, é fundamental para consolidar o direito social à saúde e garantir um sistema público e universal, capaz de atender a todos de forma equitativa.

No entanto, buscamos ainda mais: com as tecnologias sociais da PBL de participação crítica e cidadã, ambicionamos não apenas enfrentar as iniquidades sociais, mas também construir um legado de boas práticas que sirvam de base para as gerações futuras. Nosso objetivo é contribuir com debates e proposições que fortaleçam as populações moradoras de periferia nas suas formas de lutar politicamente e, de forma radical e duradoura, reduzam as desigualdades sociais brasileiras.

Por isto a importância do trabalho de territorialização. O esforço da sociedade civil de fazer as políticas públicas chegarem aonde é mais preciso, nos territórios socioambientalmente vulnerabilizados, é constituído por formas que sejam eficazes de produzir debates, proposições e pressão sobre o poder público.

Neste caderno apresentamos um dos dispositivos da tecnologia de participação da PBL, a segunda pesquisa da rede,

A participação social é um dos pilares do projeto, a coordenação-Fiocruz tomou a tarefa de estimular os coletivos literários da PBL a buscarem tecnologias sociais que possibilitem a mobilização e o engajamento social. Tais práticas, se bem sucedidas, são fundamentais para o controle social e a territorialização das políticas públicas. Enquanto rede e instituição de pesquisa, a PBL e a Fiocruz, buscam ativamente formas inovadoras para ativar intervenções cidadãs.

que tem por objetivo criar um retrato que nos ajude a compreender e conhecer mais a atuação de coletivos literários periféricos. Com este retrato produzido e sistematizado, criamos ocasião para articulação com outras organizações de periferia e como instrumento que convoque o poder público para dialogar. Na pesquisa "Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato" estão as seguintes seções: (i) perfil, (ii) atuação, (iii) recursos, (iv) território, (v) demandas, (vi) publicações e (vii) políticas públicas.

OLHANDO PARA ALGUNS ÂNGULOS DO RETRATO

Assim como no filme "As Praias de Agnès", da cineasta belga Agnés Varda, que nos convida a explorar as múltiplas camadas de significado presentes em uma mesma imagem, podemos pensar na leitura dos dados de uma pesquisa como um exercício de olhar a partir de diferentes ângulos. Assim como uma fotografia pode revelar nuances inesperadas dependendo do ponto de vista adotado, os dados também oferecem uma riqueza de interpretações que vão além do que inicialmente capturamos. Ao destacar certos aspectos nos dados desta pesquisa, não pretendemos traçar um caminho único para o leitor, mas sim compartilhar aquilo que, no processo de análise, mais nos surpreendeu e nos (co)moveu. Esses destaques são como pequenos recortes de uma imagem maior, convidando outros olhares a se debruçarem sobre o mesmo material, descobrindo novas perspectivas e questionamentos. Afinal, toda pesquisa é um diálogo aberto, que ganha vida na multiplicidade de interpretações e na colaboração contínua entre quem a elabora e quem a lê.

A fase quantitativa da pesquisa PBL 2024 contou com a participação de 292 coletivos literários de todas as regiões do país. A maior representação foi da região Nordeste, com 42% das respostas, seguida pela região Sudeste, com 34%. A região Norte se destaca com 13%, enquanto as regiões Sul e Centro-Oeste registraram 7% e 4%, respectivamente. Em relação a primeira pesquisa realizada, que contou com 169 respondentes, ampliamos nosso alcance entre coletivos literários brasileiros. Apesar de não se caracterizar como uma pesquisa representativa para todo o território brasileiro, os dados demonstram que existe um universo de agentes culturais ainda não mapeados no campo da literatura.

Ainda nessa página, onde verificamos as proporções por região, também encontramos a quantidade de respondentes na Bahia. Imaginamos que essa forte mobilização para a pesquisa possa ter conexão com o primeiro Encontro Nacional da Periferia Brasileira de Letras, que aconteceu em Salvador no mês de abril de 2024 - anterior ao início da pesquisa. Sem descontar o conhecido trabalho de articulação dos coletivos baianos da PBL, o Slam das Mulé e A Pombagem, o efeito de mobilização produzido por um encontro nacional transcende o evento em si, e cria ondas de solidariedade e senso de pertencimento que se espalham pelo tecido social, cultural e político local. Após o encontro da PBL, algumas pautas antigas da Bahia, antes dispersas ou silenciadas, ganharam novo fôlego; foram revitalizadas pela energia coletiva e pela agenda com instituições de estado e privadas que eram imbricadas em determinadas demandas dos coletivos e das cidades.

A pesquisa Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato" abordou temas como as características desses grupos, o grau de formalização do trabalho realizado,

suas áreas de atuação, acesso a recursos financeiros, a relação com o poder público, a atuação em espaços públicos e privados, o acesso às políticas públicas, além dos custos e das necessidades estruturais para a atuação dos coletivos. Os dados foram sistematizados em gráficos gerais e por estado, proporcionando uma visão aprofundada da realidade de coletivos literários periféricos no Brasil.

É impossível não se impressionar com a imensidão de bibliotecas comunitárias (26%), que se destacam como um dos pilares mais sólidos e antigos de democratização do acesso ao livro e à leitura no Brasil. Esses espaços, muitas vezes criados e mantidos por esforços coletivos em territórios vulnerabilizados, são mais do que depósitos de livros; são pontos de encontro, resistência e transformação. Eles representam a materialização de uma luta histórica por educação e cultura, unindo pessoas em torno da demanda por livros e do desejo de compartilhar conhecimento. As bibliotecas comunitárias são, portanto, um testemunho vivo de como a literatura pode ser a porta de entrada para um pólo de aglutinação comunitária.

Em seguida, “os recitais ou saraus poéticos” (21%) emergem como um fenômeno onde a palavra poética ganha vida na voz de quem a pronuncia. Esses eventos são mais do que simples reuniões; são festas da literatura, onde a escrita e a leitura se tornam atos coletivos e afetivos. A presentificação da voz, a paixão pela escrita e a troca de experiências criam um espaço único de mobilização e pertencimento - é como no teatro: não há reprodução possível daquele estar-ali-em-cena. Os saraus e recitais são celebração da palavra como instrumento de expressão e, no que movem a cena artística dentro de uma quebrada, de uma favela, são também instrumentos de transformação, onde ler para o outro e ser lido pelo outro se tornam gestos de conexão e resistência.

É impossível não se impressionar com a imensidão de bibliotecas comunitárias (26%), que se destacam como um dos pilares mais sólidos e antigos de democratização do acesso ao livro e à leitura no Brasil. Esses espaços, muitas vezes criados e mantidos por esforços coletivos em territórios vulnerabilizados, são mais do que depósitos de livros; são pontos de encontro, resistência e transformação.

Já os clubes de leitura ou rodas de leitura (9%) e as rodas de rima ou slams (9%), embora representem um salto percentual em relação aos dois primeiros, trazem consigo uma potência singular. No caso dos clubes, é interessante pensar que mesmo em uma era digital, as redes sociais podem ser tecidas de maneira profundamente humana e presencial. O livro, como mídia e objeto central, funciona como um catalisador de encontros, criando pontes entre pessoas que, embora diversas, se unem em torno de uma paixão comum. Se todo clube de leitura tem seu valor em tempos hostis ao papel, o que dizer dos grupos que se organizam para viabilizá-los nas periferias brasileiras? É difícil, em casos assim,

não fazer um paralelo com o filme "A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata", dada a comparação possível entre territórios periféricos muitas das vezes controlados por grupos armados e a ocupação militar (nazista) que se torna contra o que os personagens do clube de leitura resistem. Em tempos difíceis, a literatura pode ser um modo criativo de expressar a força de um grupo, de uma comunidade.

O slam, que apareceu junto com 9%, pode ser lido na pesquisa como uma força que ascende com a juventude periférica, em sua maioria negra, que se apropria da palavra para batalhar com rimas e versos. Esses espaços são arenas onde jovens poetas se reúnem não apenas para competir, mas para denunciar, resistir e reivindicar seu lugar no mundo. Essa organização performática, literária e de saberes horizontalizados, a roda de slam, é a reunião na qual pulsam nas batalhas meninas e meninos pretos que reivindicam-se poetas e disputam em versos sobre como pisotear o sistema que os oprime.

Os outros segmentos, com 5% ou menos, representam a diversidade e a riqueza de iniciativas que pulsam no país. Editoras Independentes, Cias de Teatro, Festivais e Contação de Histórias, e outros presentes no resultado nacional da pesquisa nos convida a refletir sobre como a literatura, em suas múltiplas formas de mobilização, está presente nos territórios de periferia de centros urbanos, e o modo como concretizam suas ações e estratégias, vale receber investigações e estudos dedicados.

Observamos que a maioria dos coletivos literários participantes da pesquisa estão consolidados em seus territórios. Cerca de 32% atuam há mais de 10 anos, 26% entre 5 e 10 anos, e 15% têm de 3 a 5 anos de existência. Mais da metade dos coletivos possuem mais de 5 anos. Percebe-se que dentro do universo de respondentes há poucos coletivos que iniciaram suas atividades recentemente. Em comparação com o gráfico de formalização, no qual aponta que mais da metade dos coletivos não tem CNPJ, isto caracteriza uma barreira para acesso a recursos públicos pelos coletivos literários periféricos.

Há também uma outra perspectiva possível diante desses dados: enquanto o avanço do celular sobre os hábitos cotidianos é frequentemente associado à diminuição de leitores, os dados dos coletivos literários mostram que as ocasiões para reunir gente ao redor da palavra poética têm florescido. Apesar das barreiras estruturais — como a falta de formalização e a dificuldade de acesso a recursos públicos —, esses grupos têm se mantido como espaços de resistência e fomento à leitura. O fato de 60% dos coletivos terem surgido nos últimos 10 anos sugere que, mesmo em um contexto desafiador, há uma vitalidade cultural pulsante nesses territórios, onde a literatura se reinventa como prática coletiva e comunitária.

Enquanto o cenário nacional aponta para uma crise de leitura, os coletivos literários periféricos emergem como um instigante contraponto. Estariam no campo da leitura e da criação literária algumas soluções já colocadas em curso mas que, por acontecer com a faixa invisibilizada da população, cria-se a impressão de que há só catástrofe no presente e no futuro?

Outro ponto que merece destaque diz respeito aos temas trabalhados. Além do incentivo à leitura e a criação literária ganham destaque as questões raciais permeando as ações dos coletivos literários. A cultura afro centrada, antirracismo, cultura do hip hop, ancestralidade, preservação de comunidades tradicionais, cultura indígena e afrofuturismo também aparecem como centrais nas atividades desempenhadas. Este dado demonstra o compromisso e a necessidade do debate racial como bandeira de luta e complementar as ações de incentivo à leitura e à escrita.

Outro tema fundamental a ser observado trata das violações que impactam o trabalho dos coletivos. A violação mais citada foi o racismo (32%), seguida da menção à violência urbana (26%) e desemprego (24%). Nas análises feitas pelo grupo, foi considerado que esse último dado pode ter relação com a questão racial no Brasil, uma vez que violência urbana e desemprego atingem majoritariamente a população negra, segundo informações do IBGE e do Ministério da Saúde[1].

Quanto às pautas sociais, 96% dos grupos lítero-culturais se afirmaram engajados em lutas em seus territórios, favorecendo o entendimento de que são agentes de mudanças dentro de seus contextos. Diversas causas foram mapeadas, como a luta antirracista, direitos humanos, a luta feminista, direito a cidade, lutas ambientais e LGBTQIAPN+. Entretanto a luta antirracista se destaca na pesquisa, com 64% dos coletivos, salientando dados dos outros gráficos que mostram a centralidade da pauta étnico-racial por parte dos coletivos.

Dentre as principais demandas para o fortalecimento dos coletivos literários pelo Estado estão a oferta de recursos financeiros, humanos e a disponibilização de um espaço sede para a realização das atividades. Quando questionados sobre as políticas públicas que gostariam de ver em seus territórios, 56% dos coletivos apontaram a redução da burocracia para a formalização. Além disso, 54% defendem uma distribuição mais justa dos recursos da cultura, enquanto 53% destacam a importância de incentivos para eventos e feiras literárias nas periferias.

Por fim, nos interessa que os dados apresentados despertem outras reflexões e ideias sobre a literatura produzida coletivamente nas periferias brasileiras. Os dados da pesquisa não apenas mapeiam realidades, mas abrem um leque de possibilidades para enxergar a literatura como uma prática viva, que conecta pessoas, territórios e lutas. Os números e as histórias por trás deles não apenas revelam a vitalidade desses coletivos, mas também apontam para caminhos possíveis de transformação nos territórios periféricos de centros urbanos. Que este segundo retrato feito pela Periferia Brasileira de Letras seja contribuinte das necessárias reinvenções desse país desigual.

[1] Dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios (PNAD 2023) informam que a taxa de desemprego entre pretos e pardos (8,9% e 8,5%, respectivamente) superaram a média nacional e foram superiores à da população branca (5,9%). As pessoas pretas (20,6%) e pardas (19,3%) também sofreram mais com a violência do que as pessoas brancas (16,6%), segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019, realizada pelo IBGE em parceria com o Ministério da Saúde.

PESQUISA MOSTRA AS PERIFERIAS COMO CENTROS DE PRODUÇÃO LITERÁRIA

Fabiano Piúba, Jéferson Assumção, Andressa Marques e Igor Graciano - Secretaria de Formação, Livro e Leitura (SEFLI) do Ministério da Cultura

A segunda edição da pesquisa PBL C**oletivos Literários nas periferias brasileiras: um retrato**, iniciativa concebida e conduzida pela Cooperação Social da Presidência da Fiocruz em parceira com 14 coletivos de 10 estados representativos de todas as regiões do Brasil, por si só demonstra o atual momento do campo literário brasileiro, que se organiza a partir de novas lideranças e instituições, assim como apresenta uma nova dinâmica de relação do estado com a sociedade.

Mais do que um suporte importante para entender a produção, o acesso e a circulação da criação literária hoje, os dados apresentados pela pesquisa evidenciam as novas configurações do campo literário, entendendo-se a literatura além de sua veiculação unicamente livresca e mediada pelas instituições de ensino formais ou de caráter mais acadêmico ou de mercado. Pensar a literatura a partir das periferias, abarcando a diversidade desses territórios, suas características e demandas, assim como suas particularidades expressivas, resulta em se repensar o próprio conceito de literatura. Essa transformação só pode acontecer de forma sistêmica, de maneira que a resposta do estado também deve ser sistêmica, sem o que não será possível desenhar e gerir políticas estruturantes, as quais potencializam o que já acontece na ponta.

Mais do que um suporte importante para entender a produção, o acesso e a circulação da criação literária hoje, os dados apresentados pela pesquisa evidenciam as novas configurações do campo literário, entendendo-se a literatura além de sua veiculação unicamente livresca e mediada pelas instituições de ensino formais ou de caráter mais acadêmico ou de mercado. Pensar a literatura a partir das periferias, abarcando a diversidade desses territórios, suas características e demandas, assim como suas particularidades expressivas, resulta em se repensar o próprio conceito de literatura.

A pesquisa da PBL se coaduna com as frentes de atuação dos Ministérios da Cultura e da Educação na consolidação do Plano Nacional de Livro e Leitura (PNLL), resultado da articulação entre o poder público e a sociedade. A participação é o pressuposto da cultura democrática, de maneira que um plano construído nessa perspectiva será mais efetivo na orientação das políticas, projetos e ações voltadas para o livro, a leitura, a literatura e as bibliotecas. No que toca aos marcos legais do setor, a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), instituída pela Lei nº 13.696/2018, se configura como uma estratégia permanente de consolidação das metas do PNLL.

A Secretaria de Formação Cultural, Livro e Leitura (SEFLI) do Ministério da Cultura, a partir de sua Diretoria de Livro, Lei-

tura, Literatura e Bibliotecas (DLLLB), tem por missão institucional atuar para a formação de um país de leitoras e leitores almejando uma cadeia produtiva do livro descentralizada, com capacidade de atender às demandas regionais, nos diversos territórios; um Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) capilarizado e que universaliza o acesso a bens de leitura com acervo bibliográfico rico e programação contextualizada; uma produção literária diversificada tanto em sua dimensão identitária quanto estética. Além disso, é fundamental ter uma agenda de eventos literários aquecida – feiras, festas, bienais, saraus, *slams* etc. – inserindo-se a leitura e a literatura no calendário das cidades, dos bairros e outros territórios, o que ajuda a colocar o livro e a literatura no imaginário das pessoas.

A sistematização de dados é um passo fundamental na política pública para a cultura, no sentido de que as ações, projetos, planos e políticas setoriais como as que se voltam para a formação de um país leitor somente podem ser pensadas e geridas a partir desses referenciais. O olhar intuitivo sobre a realidade é importante e move artistas, ativistas, coletivos e gestores da cultura, mas a consolidação dessa percepção em números confiáveis não só orienta como também legitima sua atuação, ajudando a definir diagnósticos e estratégias.

(...) há uma grande capilaridade de ações literárias sendo promovidas pela sociedade nos territórios brasileiros, dado importante que evidencia a perenidade e organicidade da área de livro, leitura, literatura e bibliotecas nas periferias brasileiras. Por si só, o dado desloca a lente do campo literário, como dito anteriormente, colocando o Estado brasileiro diante de novos e urgentes desafios como tarefas das políticas culturais para a área.

Nesse sentido, a segunda edição da pesquisa PBL Coletivos Literários nas periferias brasileiras: um retrato corrobora uma série de tendências que, com o auxílio dos dados apresentados, podem ser confirmadas. Houve um aumento considerável de coletivos literários em relação à primeira edição da pesquisa em 2022, de 169 coletivos respondentes passamos para 292. Isso demonstra que há uma grande capilaridade de ações literárias sendo promovidas pela sociedade nos territórios brasileiros, dado importante que evidencia a perenidade e organicidade da área de livro, leitura, literatura e bibliotecas nas periferias brasileiras. Por si só, o dado desloca a lente do campo literário, como dito anteriormente, colocando o Estado brasileiro diante de no-

vos e urgentes desafios como tarefas das políticas culturais para a área.

Há que se destacar ainda o número de bibliotecas comunitárias como o segmento de coletivos literários mais substancial dentre os respondentes, a saber, 26% e o incentivo à leitura como principal tema trabalhado pelos coletivos literários, 61%. Sendo a biblioteca comunitária uma ação orgânica que se volta à democratização do acesso ao livro e à formação de leitores e leitoras, sua forte ocorrência nos territórios aponta para a necessidade de o Estado promover diálogos que estimulem o encontro com a inovação social que elas impulsionam em todo o país.

Sobre o perfil dos coletivos literários, a pesquisa revela que a maioria tem mais de 5 ou 10 anos de atuação, somando 58% dos respondentes, o que demonstra a longevidade das ações literárias realizadas pelos agentes culturais do livro e leitura nos territórios abarcados pelo estudo. Além disso, a maioria dos coletivos respondentes não possui CNPJ, um marco de formalização das atividades, o que revela tanto o caráter orgânico das ações como estabelece como tarefa para o Estado brasileiro o desenvolvimento de ferramentas de apoio e fomento que não necessariamente passem pelo CNPJ, fato que ocorre, por exemplo, nos editais da área de livro, leitura, literatura e bibliotecas da Política Nacional de Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB).

Em relação à atuação dos coletivos literários, os saraus e a circulação de livros surgem como uma das principais frentes desenvolvidas pelas entidades, com respectivamente 36 e 32% das ações dos respondentes. O novo cenário de circulação da literatura, que trouxe a periferia para o centro das discussões e articulou novas possibilidades de criação literária fora do eixo mercadológico tradicional, coaduna com esses dados da pesquisa aqui apresentada. Outro dado revelador é o fato de que 51% das ações promovidas além da área literária são no combate à desinformação, isso revela que os coletivos literários das periferias brasileiras são entidades ativas na defesa da informação e da democracia, recentemente atacada pela avalanche das ‘fake news”. Isso os coloca no protagonismo das disputas no contexto político e social do país, é preciso reconhecer e valorizar tal esforço.

Por fim e não menos importante, a pesquisa mostra que 47% dos coletivos literários entrevistados costumam realizar publicações, dentre elas: 39% são publicações gráficas com ISBN, 38% publicações artesanais e 34% são publi-

Além disso, a maioria dos coletivos respondentes não possui CNPJ, um marco de formalização das atividades, o que revela tanto o caráter orgânico das ações como estabelece como tarefa para o Estado brasileiro o desenvolvimento de ferramentas de apoio e fomento que não necessariamente passem pelo CNPJ, fato que ocorre, por exemplo, nos editais da área de livro, leitura, literatura e bibliotecas da Política Nacional de Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB).

Outro dado revelador é o fato de que 51% das ações promovidas além da área literária são no combate à desinformação, isso revela que os coletivos literários das periferias brasileiras são entidades ativas na defesa da informação e da democracia, recentemente atacada pela avalanche das 'fake news". Isso os coloca no protagonismo das disputas no contexto político e social do país, é preciso reconhecer e valorizar tal esforço.

cações com editoras e ISBN, entre os maiores percentuais coletados pelo instrumento. A potência da criação literária nas periferias está refletida nesse dado e não pode ser desvinculada da crescente e evidente movimentação nos centros e eixos criativos do país.

Essa breve apresentação, antes de abarcar todos os dados trazidos pela pesquisa "Coletivos literários nas periferias brasileiras: um retrato", trouxe à baila alguns aspectos relevantes apresentados pelo potente trabalho da Periferia Brasileira de Letras para que possamos conjuntamente avistar o cenário contemporâneo da área de livro, leitura, literatura e bibliotecas nos territórios, a fim de avançarmos nas políticas culturais capazes de ampliar os horizontes dos sujeitos, promover o exercício da criticidade, ampliar a prática leitora e o repertório criativo da população.

A Periferia Brasileira de Letras inclui a periferia como centro de criação e de imaginação literária, como centro de produção e difusão literária numa topografia poética que revela, reverbera, inspira e mobiliza territórios diversos no Brasil. Pensemos a cultura como um saber/fazer/sentir/viver comum. Portanto, pensemos a cultura como comunidade e como solidariedade. A Periferia Brasileira de Letras tem este espírito comum e solidário. São coletivos que se expressam com distintas naturezas, como festivais literários, saraus, slams, rodas de leituras, editoras independentes, bibliotecas comunitárias, museus literários, residências literárias, formados por pessoas que atuam em seus próprios territórios como poetas, escritores, mediadores de leitura, músicos, compositores e agentes culturais que compreendem a cultura e as artes – em especial a literatura – como elementos vitais de transformações de vidas e de realidades, de pessoas e lugares. O Ministério da Cultura, por meio da Secretaria de Formação, Livro e Leitura, numa parceria e colaboração com a Fiocruz e a própria Periferia Brasileira de Letras, realizam este projeto vital da segunda edição da "Pesquisa PBL Coletivos Literários nas periferias brasileiras: um retrato", revelando potências e confluências vitais em territórios, não só com o objetivo de mapear e identificar experiências, mas, substancialmente, de fomentar ações, produzir informações e conhecimentos e gerar intercâmbios entre os coletivos literários que pulsam nas periferias do Brasil. Neste sentido, estamos articulando políticas públicas de cultura e de saúde, na compreensão de que a cultura, as artes e a literatura não só promovem saúde, mas também cidadania.

SARAUS COM LOBOS - AS AGUERRIDAS ATUAÇÕES DE COLETIVOS LITERÁRIOS NAS PERIFERIAS

Vanessa Almeida
Rede PBL, Coletivo Ecomuseu de Manguinhos
e Bando Editorial Favelofágico

Um sentimento de alcatéia talvez exemplifique a importância do trabalho dos coletivos literários para os territórios onde atuam. Assim como os grupos de lobos se unem para proteger, cuidar e fortalecer uns aos outros, os coletivos literários vão além de atividades que dão vida às palavras e à fabulação: eles imprimem abrigo, fortalecimento e sentido de transformação às suas favelas e periferias.

Nesse sentido, é interessante notar a porcentagem (53%) de satisfação das pessoas que participam das ações propostas pelos coletivos, conforme revelado pela pesquisa "Coletivos literários nas periferias brasileiras: um retrato". Claro, esse dado é a percepção dos próprios coletivos. É o acúmulo de depoimentos de mães, pais e familiares que observaram mudanças nos hábitos de seus filhos e filhas. Mas e os tantos que jamais disseram para esses agitadores culturais a importância que eles têm para a vida comunitária? Eu vejo como uma subnotificação esse resultado. E que já é bom!

Podemos inferir que a participação em atividades literárias reverbere no núcleo familiar, promovendo senso crítico, empatia com o outro, com o diferente, e criatividade intelectual. Crianças e jovens que participam de atividades leitoras, por exemplo, e digo isso como educadora e como quem exercita a maternagem, tendem a demonstrar mais facilidade em tarefas escolares, maior capacidade de recontar histórias e pensamento da realidade, emitindo opiniões com mais embasamento.

Na pesquisa da PBL, o que vemos é que 96% dos coletivos buscam costurar, em suas ações, conteúdos essenciais para o subverter o (mau) funcionamento da sociedade, como combate à desinformação, preservação ambiental e luta contra a homofobia. Em tempos de fake news e liberdade de expressão sem limites para oprimir e manutenção das opressões, essa atuação política da literatura é combustível para esperançar novos tempos.

Dito isso, reafirmo o que nós, integrantes da PBL e pesquisadores desse trabalho, temos constatado: os coletivos literários nas periferias são espaços de lutas paraliterárias. Eles começam desenvolvendo a cena das letras, democratizando a leitura e fomentando narrativas enegrecidas e populares, mas alcançam também os múltiplos determinantes sociais da saúde. A temática racial, por

Alcatéia que não uiva à toa, defendemos o direito a uma vida saudável e a um ambiente protegido. De modo coletivo, como numa família lupina, atuamos camuflados apesar da luz do luar. Os malabarismos de versos e de prosas fazem corta-luz para a politização mútua que a literatura em coletividade promove.

exemplo, e isso está na pesquisa, tem preponderância no trampo de agitação cultural, já que o público envolvido é majoritariamente negro e residente de territórios com menos acesso a bens sociais. Incidir em produção de narrativas e ambiências antirracistas se torna, para coletivos alcançados pela PBL, e mesmo por seus membros - e falo orgulhosamente também do Bando Editorial Favelofágico - é condição para se criar aglomeração. Ao mesmo tempo, como diz a pesquisa, outras pautas como direitos humanos, feminismo, LGBTQIAPN+, direito à cidade e justiça ambiental aparecem enfaticamente.

Aí mora a originalidade da PBL. É por meio da literatura que esses coletivos contribuem para as mudanças transformadoras. Quase discretos, atuam no *front* político como qualquer organização de defesa dos direitos humanos.

Alcatéia que não uiva à toa, defendemos o direito a uma vida saudável e a um ambiente protegido. De modo coletivo, como numa família lupina, atuamos camuflados apesar da luz do luar. Os malabarismos de versos e de prosas fazem corta-luz para a politização mútua que a literatura em coletividade promove. Se alguém tiver dúvidas, recomendo se aprochegar a uma roda de slam. Ali está a juventude vivíssima, sagaz e linda à luz do luar.

LINHA D
TEMPO

DO
PBL:

2017

Parceria de pesquisa entre **Ecomuseu de Manguinhos**, que teve experiência com literatura com o **Bando EditorialFavelofágico**, e a **Cooperação Social da Presidência da Fiocruz**, trata do fenômeno da literatura em territórios periféricos que aponta para formas inovadoras de participação social em favelas a partir das organizações de base sóciocomunitária, no caso, com pessoas reunidas por meio da palavra poética. Construída por Felipe Eugênio, que atuava tanto com o Bando quanto com a Fiocruz, a proposta de uma rede de coletivos literários nacional, com o nome de **Periferia Brasileira de Letras**, é desenhada e aprovada por Leonídio Madureira, coordenador da Cooperação Social da Fiocruz.

2018

A Cooperação Social da Fiocruz desenvolve pesquisa de campo junto a territórios de periferia em Pernambuco sobre literatura, governança territorial democrática e iniquidades nos determinantes sociais da saúde. Encontra em territórios periféricos uma série de experiências exitosas no que se pode chamar de **“atualização das motivações para o fenômeno da participação social e da conexão de pertencimento territorial através da cultura”.** No Fórum Social Mundial de Salvador, em março, o pesquisador da Cooperação Social, Felipe Eugênio, apresenta uma oficina na qual produz interlocução com coletivos literários periféricos do Ceará e da Bahia.

LINHA DO TEMPO PBL

2019

É iniciada a elaboração de projeto de pesquisa-ação da Fiocruz para realização da PBL. Captação de Recursos com parlamentares é iniciada e encontra parceria com emenda parlamentar da Deputada Fernanda Melchiona, então presidenta da Comissão Parlamentar Mista do Livro e Leitura.

Mariane Martins entra na Cooperação Social e é convidada para atuar na coordenação da PBL.

É apresentado em Porto Alegre, para o gabinete da deputada federal do PSOL, Fernanda Melchionna, e com a presença de militantes da rede de bibliotecas comunitárias e agitadores culturais locais, a proposta da PBL.

2021

Com a **Pandemia em 2020, há o adiamento do projeto PBL.**

Projeto é iniciado na Fiocruz em dezembro. E é lançado uma chamada pública para coletivos literários atuantes em periferias de centros urbanos.

A PBL inicia com recursos exclusivamente provenientes da emenda parlamentar advinda da presidenta da Comissão Parlamentar Mista de Livro e Leitura, Fernanda Melchionna. A PBL se torna um importante desdobramento de iniciativa de pesquisa-ação no âmbito da Promoçaõ da Saúde em territórios sócioambientalmente vulnerabilizados.

2022

A Rede PBL é formada inicialmente por 13 coletivos literários atuantes em periferias de centros urbanos. Esses 13 coletivos foram selecionados dentro de um universo de mais de 150 coletivos inscritos.

Os coletivos são de diversas naturezas de organização literária: bibliotecas comunitárias, rodas de rima, saraus poéticos, residências literárias, editoras independentes, rodas de leitura, campeonatos de slam, festivais literários, museus literários, grupos de teatro de rua, mutirões de cartoneira, grupos de compositores, etc.

Os coletivos selecionados têm representantes que são remunerados via bolsa de pesquisa para atuar no projeto de constituir uma rede. **Inicialmente, todos os integrantes passam por uma formação EAD, de dois meses, sobre Promoção da Saúde , Literatura e Territorialização de Políticas Públicas Saudáveis.**

Atuando como uma rede de coletivos presentes em 8 estados brasileiros (CE, PE, BA, DF, MG, RJ, SP e SP), a PBL produz sua primeira pesquisa que almeja a produçaõ de um diagnóstico sobre como se materializam as organizações de literatura atuantes em favelas brasileiras, no que resulta uma base de dados quantitativa sobre coletivos literários de periferia a partir dos estados onde há atuação da PBL.

Participam 169 os coletivos literários respondentes. Os dados versavam sobre condições de atuação dos coletivos literários às violações de direitos que enfrentavam, entre outras questões. Com os dados sistematizados, a PBL desenvolve os **Círculos Metropolitanos**, reuniões regionais entre coletivos literários para debater sobre os dados da pesquisa recentemente realizada.

A PBL se organiza em Grupos de Trabalho para poder desenvolver atividades relacionadas à articulação institucional, publicação, pesquisa e mobilização.

São produzidos seminários com especialistas para contribuir com a estratégia da PBL para utilização dos dados produzidos na pesquisa e nos círculos metropolitanos para reativar junto ao poder público federal a interlocução da sociedade civil no campo do livro, leitura e literatura, especialmente com os sujeitos das periferias.

É produzida a **Carta da PBL que sinteteza os resultados da pesquisa, os debates dos círculos metropolitanos e o acúmulo sobre atuação em territórios periféricos através da Promoção da Saúde. Essa Carta é pensada como documento para interlocução com o próximo governo federal - no que se apostava na vitória do grupo político que, democrata e responsável, retornasse com o Ministério da Cultura.**

Publicados o primeiro volume do Caderno da PBL no Portal Fiocruz e no site do projeto. Nos cadernos há textos de todos os coletivos, relatos sobre os círculos metropolitanos, resultados nacionais da pesquisa e seu descritivo metodológio. Ainda incluem textos institucionais da Fiocruz sobre PBL e Promoçao da Saúde.

LINHA DO TEMPO PBL

2023

Em janeiro, em evento do governo federal em Salvador, o coletivo **A Pombagem, integrante da PBL, inicia articulação com o Ministério da Cultura.**

A PBL, com seu GT de Articulação Institucional e a coordenação PBL-Fiocruz, vai a Brasília e apresenta ao MINC, à sua Secretaria de Formaçaõ, Livro e Leitura, a primeira pesquisa realizada, metodologia de funcionamento, o volume 1 do Caderno da PBL e finalmente, a sua carta.

A secretaria de Formação, Livro e Leitura, coordenada por Fabiano Piúba no MINC, oferece parceria à PBL no formato de TED entre Minc e Fiocruz. São pactuadas tanto uma nova edição da pesquisa, desta vez dialogando com a equipe do MINC, quanto a produção de um Primeiro Encontro Nacional dos Coletivos da PBL. É pactuado que será em Salvador (BA), em 2024. E que será presencial, para superar a condição de teletrabalho que, desde a pandemia, se tornou moeda corrente para articulações nacionais.

Entra em atividade a **parceria entre Fiocruz e UERJ para projeto de Extensão Universitária do Departamento de História, com a Periferia Brasileira de Letras.** Projeto coordenado pela prof. dra. Beatriz Vieira, que trabalha com História e Literatura.

O GT de pesquisa da PBL realiza junto à comunidade da universidade estadual, ao largo do ano de 2023, uma série de oficinas que produziam a releitura crítica sobre pesquisas nacionais que versavam sobre leitura, literatura e periferias.

A participação de autores da IV Residência Literária Favelofágica, moradores de Manguinhos e da Maré (bairros periféricos ou favelas), se fez presente em algumas dessas oficinas - junto com estudantes da UERJ.

A PBL torna-se parceria com a Casa da Favela, e se apresenta na Flip (Paraty, RJ), e tem mesas para debates envolvendo integrantes do MINC, do Ecomuseu de Manguinhos, da UERJ, e do Instituto Alameda.

É iniciada **parceria com a Academia de Letras da Bahia e a PBL. O coletivo A Pombagem será a representante da PBL nas articulações locais e regionais para uma ocupação popular da academia sob a gestão de Ordep Serra.**

A Periferia Brasileira de Letras participa da Festa Literária Internacional de Maricá (FLIM), produzindo o primeiro debate com a Academia Brasileira de Letras.

2024

Em Abril é realizado o **I Encontro Nacional da Periferia Brasileira de Letras, em Salvador**. O evento teve como programação mesas em formato de seminário, audiência pública na ALBA, cortejo lítero-político nas ruas de Salvador, sarau poético com os poetas e coletivos locais, a ocupação da Academia de Letras da Bahia e cuminância na sede d'A Pombagem.

Bahia - Laboratório Avançado de Políticas Publicas Saudáveis.
Os desdobramentos do I Encontro Nacional da PBL se deram com encaminhamentos saídos da Audiência Pública ocorrida na ALBA (Assembléia Legislativa da Bahia) e na parceria com a Academia de Letras da Bahia, tendo os coletivos baianos da PBL, A Pombagem e Slam das Mulé, como articuladores principais junto aos outros coletivos literários baianos, sobre a pauta da violência contra artistas nos modais de transporte público, assim como na ocupação artística de periferia em espaços como a Academia de Letras da Bahia.

Foi iniciada na Bahia, ainda na dinâmica de Laboratório Avançado de Políticas Públicas Saudáveis, uma série de articulações com Secretaria de Direitos Humanos do Estado da Bahia, Secretaria de Cultura e Secretaria de Educação.

A apresentação de propostas para territorialização de políticas públicas foi iniciada com escolas de periferia.

É aberto edital para a entrada de coletivos literários da região norte na PBL. Após seleção, entram dois novos coletivos: um do Amapá e outro do Pará.

Agora a PBL está presente em todas as regiões do país e conta com 10 estados brasileiros com representações de unidades da federação.

É renovado o Projeto de Extensão com o Departamento de História da UERJ. No primeiro semestre, foi realizado um Curso Livre em modalidade híbrida e interdisciplinar. Desde então, a parceria aponta para pesquisa sobre a relação de coletivos literários atuantes em periferias com as universidades públicas.

Foi iniciada em agosto de 2024 a II Pesquisa da PBL junto a coletivos literários de periferias, tendo em sua nova versão uma primeira etapa, formada por entrevistas in loco dos integrentes da PBL em suas cidades, visitando outras organizações literárias de periferias.Foram alcançados 112 coletivos na etapa qualitativa. A Segunda Etapa da Pesquisa, alcançou 292 coletivos.

A Periferia Brasileira de Letras, junto com o Instituto Alameda, renova a parceria com a ANF para a FLIP- 2024.
Em Paraty, é reeditada a Casa da Favela. Desta vez, levando para lá o Bando Editorial Favelofágico e a Editora Rubra. Mesas foram produzidas sobre utopias (parceria com Alameda), sobre lutas no

LINHA DO TEMPO PBL

campo (Alameda), literatura infantil afro brasileira (parceia com a Rubra) e lançamento de livros.

É realizado em dezembro de 2024, em Salvador e Macapá, o I Encontro Estadual da Periferia Brasileira de Letras. Esta edição eenvolveu a participação do poder público junto com a sociedade civil para os debates e encaminhamentos que tiveram por combustível os dados da pesquisa recém concluída.

I ENCONTRO NACIONAL
PERIFERIA BRASILEIRA
PROJETO
PAPO
RETO
CEM 02
Mulé (BA),
Arte Popular A
n (BA),
Comunitária
o de Tabaiares (PE),
que Lê (CE),
(DF),
I ENCONTRO NACIONA
PERIFERIA
BRASILEIR
DE LETRAS

SALVADOR, 2024.
Da direita para a esquerda: Mariane Martins (Fiocruz-RJ), Felipe Eugênio (Fiocruz-RJ), Lara Nunes (Slam das Mulé-BA), Mona Lisa (Periferia que Lê-CE), Phillipe Valentim (Rolé Literário-RJ), Isadora Escalante (Rede Baixada Literária-RJ), Jucelino Sales (Coletivo Papo Reto-DF), Viviane Peixoto (Rede Beabah-RS), Priscila Macedo (Biblioteca Comunitária Girassol-RS), Vanessa Almeida (Ecomuseu de Manguinhos-RJ), Israel Neto (Kitembo Edições Literárias-SP), Reginaldo Pereira (Biblioteca Comunitária Caranguejo Tabaiares-PE) e Dudu Souza (Coletivoz Sarau de Periferia-MG).

PESQUI

A segunda edição da pesquisa PBL ***Coletivos Literários nas periferias brasileiras: um retrato*** tem concepção da Cooperação Social da Presidência da Fiocruz e dos coletivos literários que integram a rede PBL. O presente levantamento foi realizado de modo colaborativo por todos integrantes da rede Periferia Brasileira de Letras.

NOTA TÉCNICA

Na pesquisa de 2024, coletivos de todo o Brasil puderam ter acesso ao questionário e respondê-lo, porém, a sistematização dos dados obtidos foi realizada apenas nos 10 estados em que a PBL atua (Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo), a partir de uma decisão conjunta entre os membros da PBL, por esta possuir atuação nesses estados, e consequentemente uma relação mais estreita com seus coletivos literários.

Os demais estados que responderam, contribuíram para o mapeamento, e foi um primeiro contato com a PBL, que deseja se aproximar e estabelecer laços mais estreitos com estes futuramente. A partir das respostas obtidas no questionário, foram feitos processamento e cruzamento de dados, que resultaram em gráficos gerais (abarcando todos/as respondentes independe do estado - incluindo os estados em que a PBL não atua) e gráficos por estado (gráficos correspondentes a cada estado de atuação da PBL separadamente).

SA PBL:

AMAPÁ
Coletivo Juremas

PARÁ
Coletivo Escambo Literário

CEARÁ
Periferia que Lê

PERNAMBUCO
Biblioteca Comunitária Caranguejo de Tabaiares

BAHIA
Slam das Mulé
Grupo de Arte Popular A Pombagem

BRASÍLIA
Coletivo Papo Reto

MINAS GERAIS
Coletivoz Sarau de Periferia

RIO DE JANEIRO
Rede Baixada Literária,
Ecomuseu de Manguinhos
Rolé Literário

SÃO PAULO
Editora Kitembo

RIO GRANDE DO SUL
Biblioteca Comunitária Girassol
Beabah!

SOBRE A PESQUISA

Ana Luiza Canalli

Antropóloga e consultora de pesquisa

A “Pesquisa PBL 2024: Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras” foi desenvolvida em duas etapas. A primeira consistiu em uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas, seguida de uma pesquisa quantitativa, realizada com a aplicação de questionários. A pesquisa diz respeito ao universo de respondentes do questionário e entrevistas, não se caracterizando como uma pesquisa representativa, ou seja seus dados diz respeito aos seus respondentes, não a todo o território dos estados pesquisados.

O objetivo da “Pesquisa PBL 2024: Coletivos Literários nas Periferias Brasileiras: um retrato” foi conhecer as realidades dos coletivos literários, abordando temas como as características desses grupos, suas áreas de atuação, a formação cidadã, os desafios do trabalho na área cultural, a relação com o poder público, a atuação em espaços públicos e privados, as parcerias com o setor público e privado, o acesso às políticas públicas, além dos custos e das necessidades estruturais para a atuação dos coletivos.

METODOLOGIA

QUALITATIVA

As/os integrantes da PBL, também pertencentes a coletivos literários, atuaram como entrevistadoras/es, conduzindo entrevistas com membros de diversos coletivos literários nos estados do Amapá, Bahia, Ceará, Distrito Federal, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo.

Ao todo, foram realizadas 112 entrevistas, com base em um roteiro semiestruturado, com o objetivo de aprofundar o estudo sobre cada coletivo. Após a coleta, foram elaborados relatórios pelas/os integrantes da PBL para registrar os dados obtidos nesta etapa.

Os relatórios da pesquisa qualitativa produzidos pelos coletivos literários e o resultado da pesquisa quantitativa por estado serão divulgados no segundo semestre de 2025.

QUANTITATIVA

Na etapa quantitativa, foi elaborado um questionário com 40 questões, das quais 5 foram abertas (referentes a dados pessoais dos respondentes) e as outras 35 questões fechadas que são apresentadas no relatório a seguir. O

questionário foi elaborado em colaboração com os membros da PBL e divulgado entre pessoas e coletivos envolvidos com a literatura, saraus, slams, poesia, rap, rodas de leitura, entre outras vertentes literárias, destacando a importância da participação para contribuir com um mapeamento aprofundado da realidade dos coletivos literários.

O questionário online ficou disponível por dois meses, resultando em 292 respostas ao final dessa etapa. Em comparação com a pesquisa de 2022, que contou com 169 respondentes, observa-se que a PBL tem ampliado seu alcance entre os coletivos literários brasileiros.

TIPOS DE PERGUNTAS

O questionário que os 292 coletivos responderam, contém 3 tipos de perguntas: resposta única, respostas múltiplas com limite e respostas múltiplas sem limite. Segue uma breve explicação sobre cada uma delas, importante para a compreensão dos dados que os gráficos trazem a seguir.

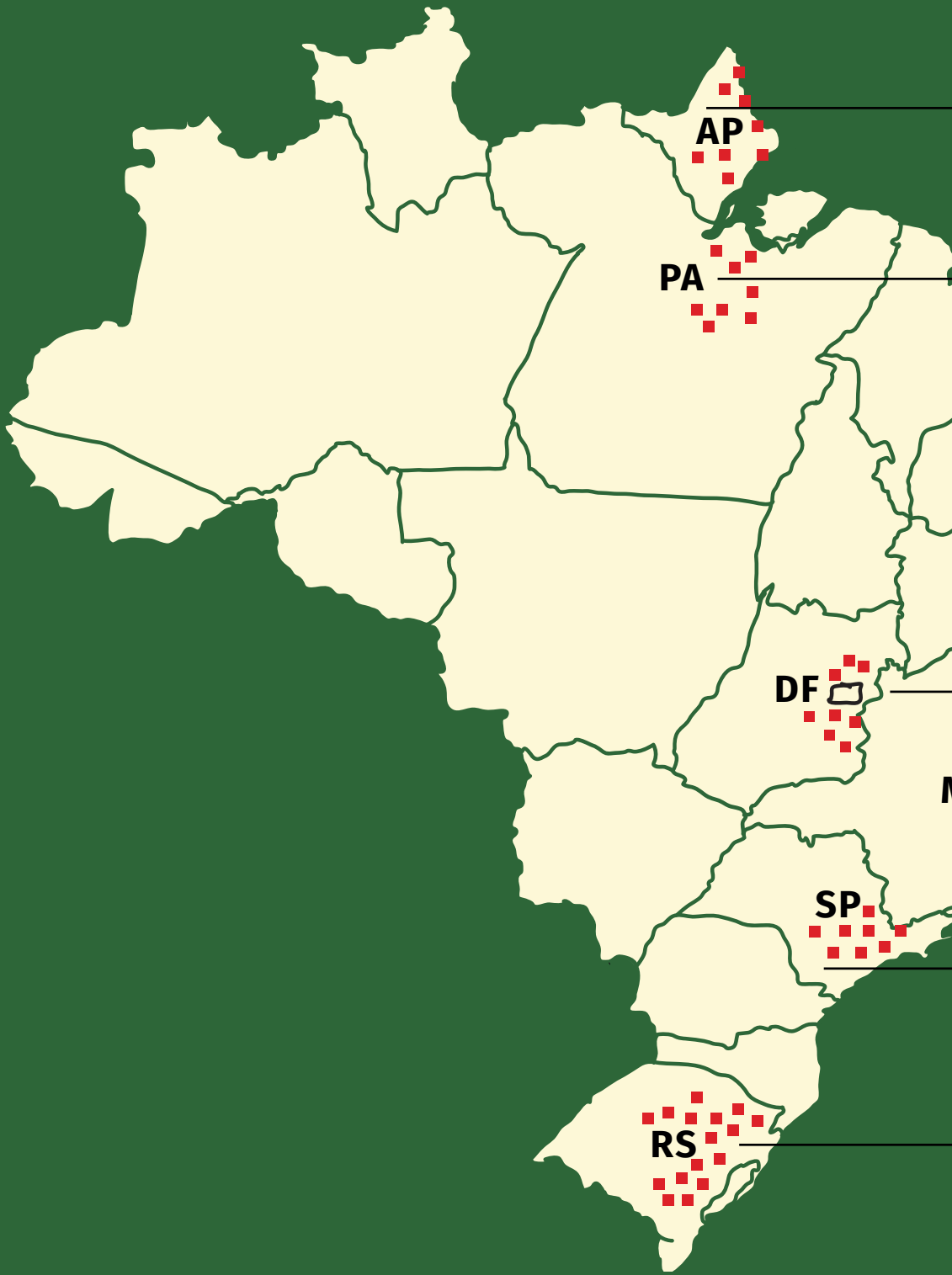
RESPOSTA ÚNICA: Quando a pergunta permite assinalar apenas uma resposta. Sendo assim, a soma final de todas as respostas do gráfico é 100%;

RESPOSTAS MÚLTIPLAS COM LIMITE: Quando a pergunta permite que o respondente assinale mais de uma resposta, mas com limitação, no caso deste questionário, a limitação foi de 3 respostas. Dessa forma, identifica-se quais são as principais respostas com as quais os respondentes se identificam. A soma final das respostas do gráfico excede 100%, pois cada respondente assinalou mais que uma resposta.

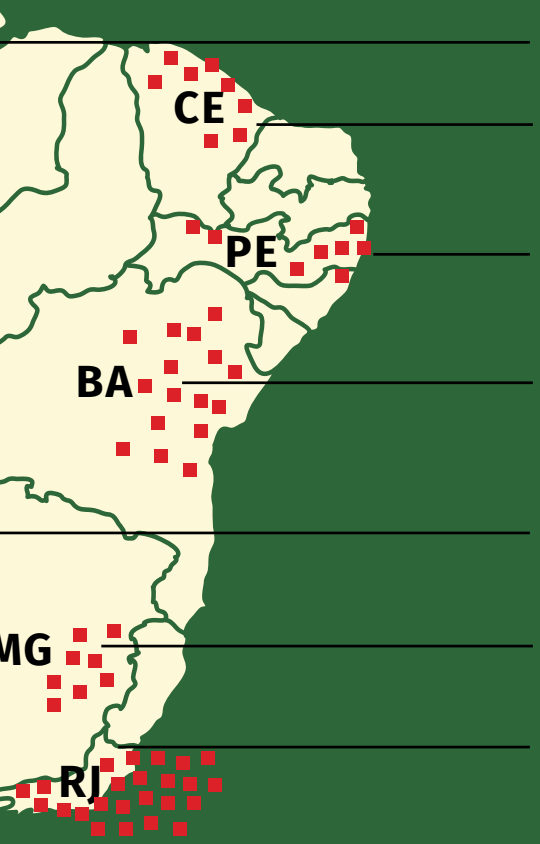
RESPOSTAS MÚLTIPLAS SEM LIMITE: Quando a pergunta permite que o respondente assinale quantas respostas quiser. A soma final das respostas do gráfico excede 100%, pois cada respondente assinalou mais que uma resposta.

Coletivos literários nas periferias brasileiras

PESQUISA PBL 2024



■ ESTE MAPA É UMA ILUSTRAÇÃO DAS ENTREVISTAS REALIZADAS PELA REDE PBL NA ETAPA QUALITATIVA ENTRE JULHO E AGOSTO DE 2024 COM COLETIVOS LITERÁRIOS PERIFÉRICOS.



Coletivo Juremas

Escambo Literário

Periferia que Lê

Biblioteca Comunitária
Caranguejo Tabaiares

Slam das Mulé
Grupo de Arte Popular A Pombagem

Coletivo Papo Reto

Coletivoz Sarau de Periferia

Ecomuseu de Manguinhos
Rolé Literário
Rede Baixada Literária

Editora Kitembo

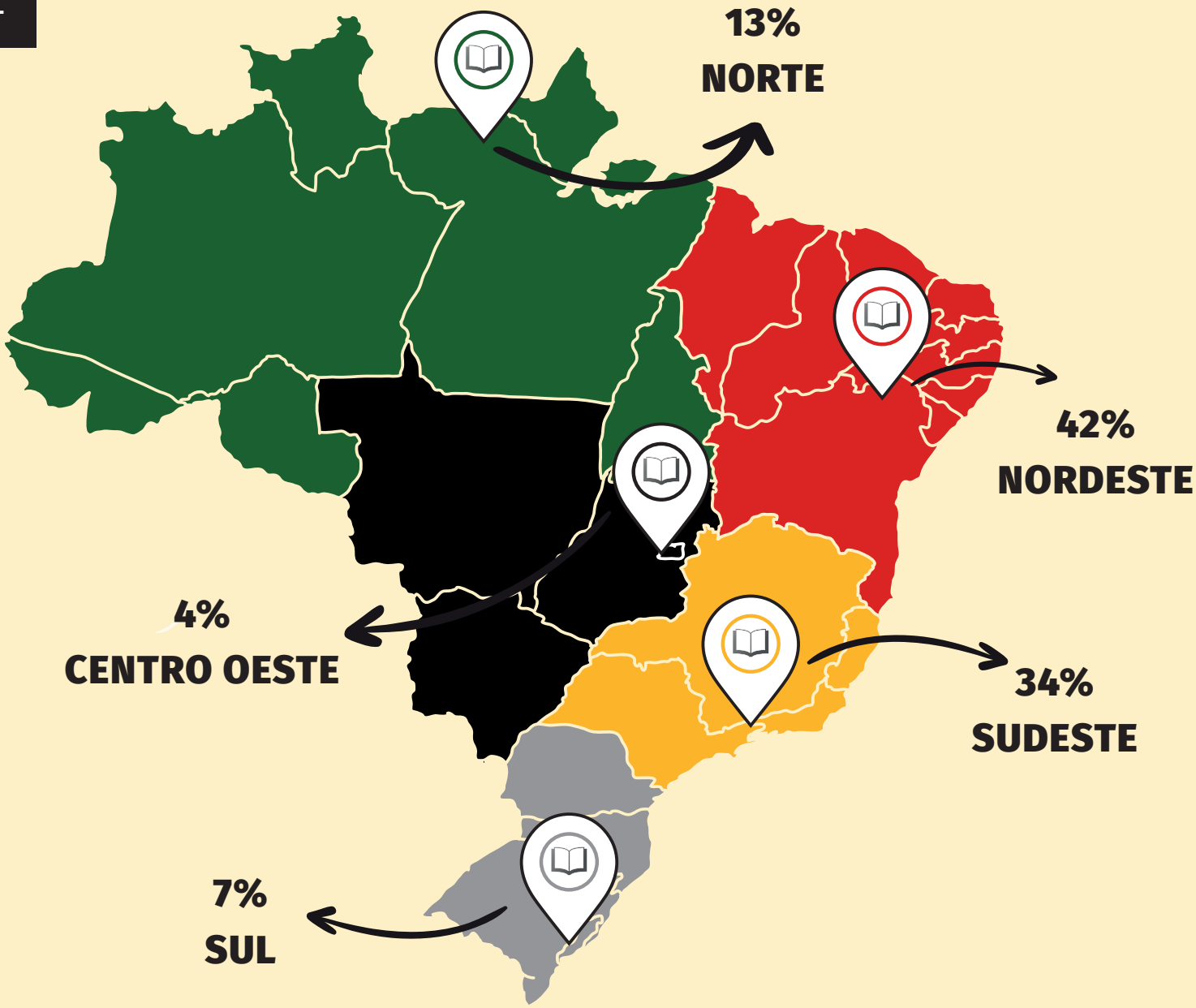
Biblioteca Comunitária Girassol
Rede Beabah!

.PERFIL

.ATUAÇÃ

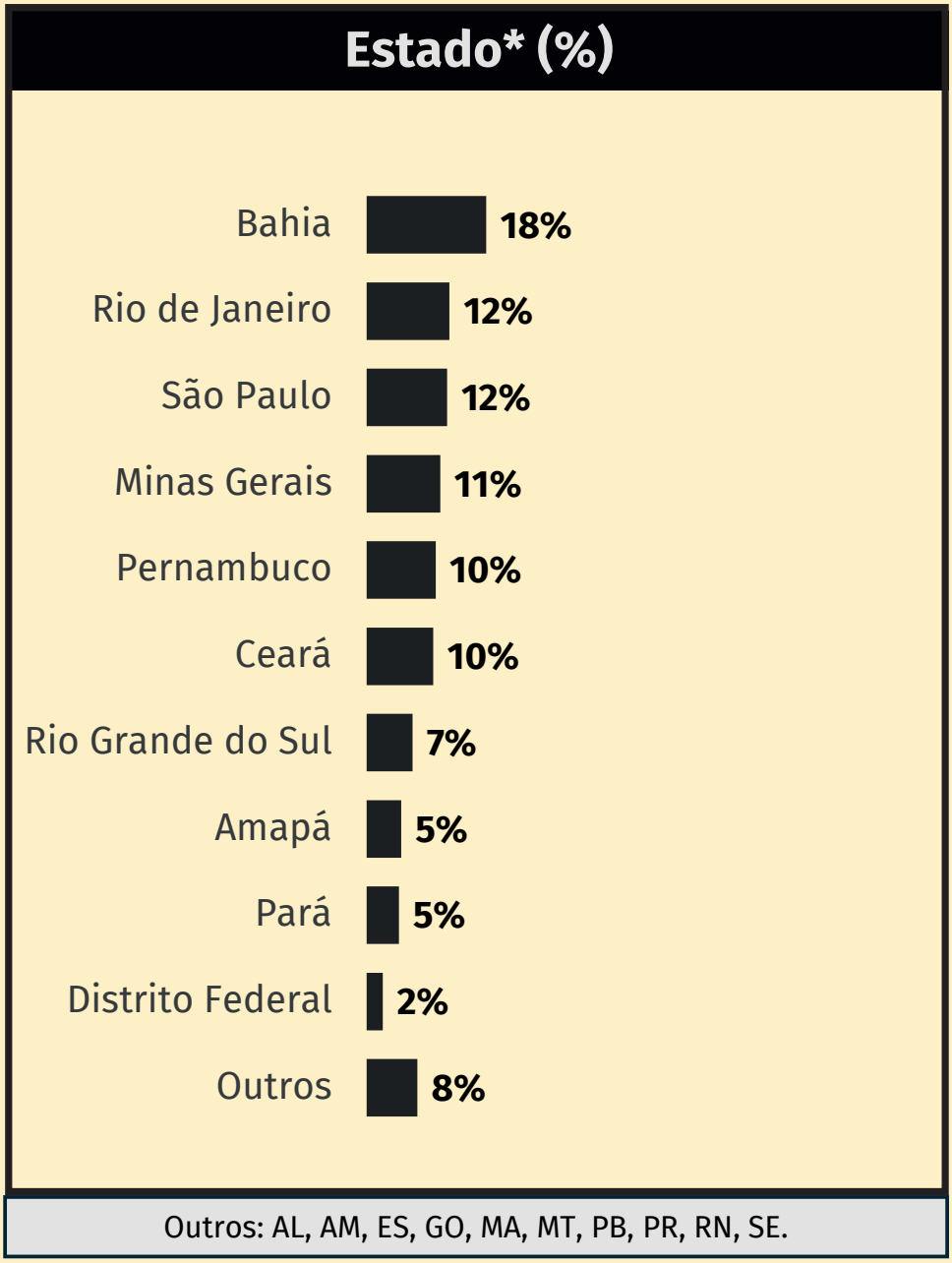
AO

1- Região de atuação dos coletivos literários respondentes:



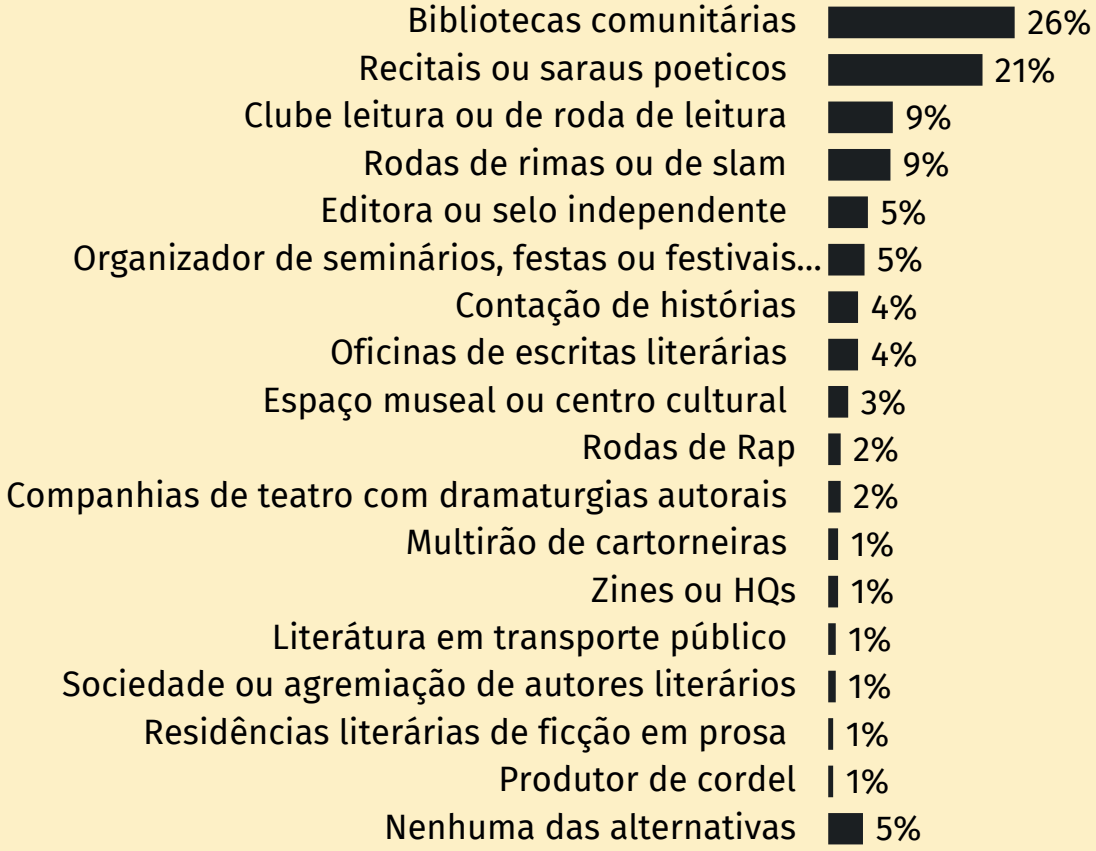
A fase quantitativa da pesquisa PBL 2024 contou com a participação de 292 coletivos literários de todas as regiões do país. A maior representação foi da região Nordeste, com 42% das respostas, seguida pela região Sudeste, com 34%. A região Norte se destaca com 13%, enquanto as regiões Sul e Centro-Oeste registraram 7% e 4%, respectivamente.

2- Estado de atuação dos coletivos literários respondentes:



A pesquisa PBL 2024 contou com a participação de 292 coletivos respondentes. A Bahia apresentou o maior percentual, com 18%. Rio de Janeiro e São Paulo aparecem em seguida, com 12% cada, seguidos por Minas Gerais (11%), Pernambuco e Ceará (10% cada). Rio Grande do Sul (7%), Amapá e Pará (5% cada) e o DF com 2%.

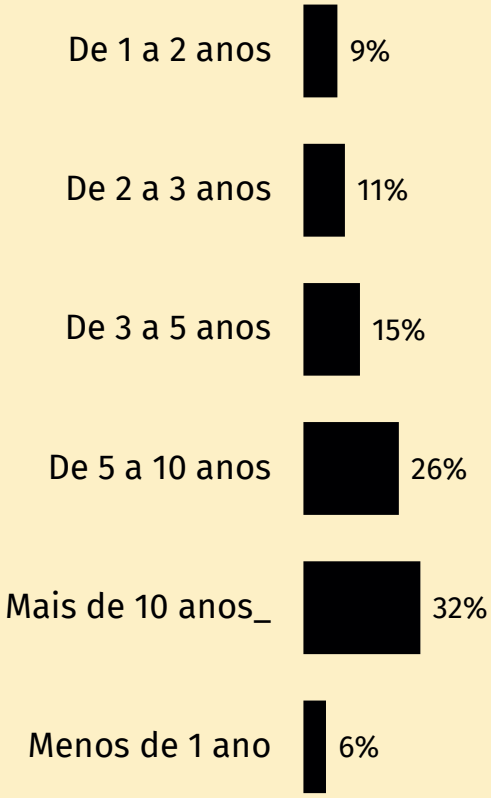
3- Segmento literário de atuação:



Bibliotecas comunitárias, recitais e saraus poéticos são os principais segmentos literários dos coletivos respondentes. Aproximadamente metade dos coletivos atuam nessas áreas, enquanto os demais coletivos trazem uma grande heterogeneidade, trabalhando em diversos outros segmentos.

Resposta única

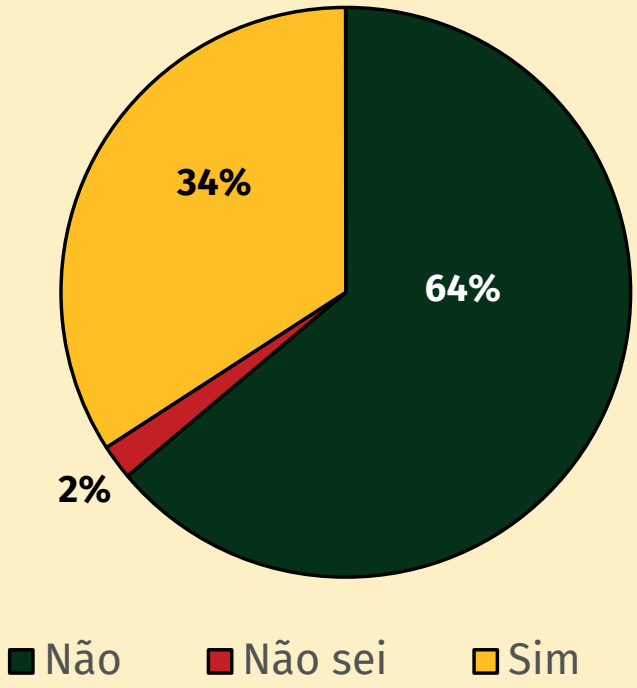
4- Tempo de atuação:



32% dos coletivos respondentes possuem mais de 10 anos de atuação, e 26% de 5 a 10 anos. Dessa forma, mais da metade dos coletivos possuem mais de 5 anos. Percebe-se que dentro do universo de respondentes há poucos coletivos que nasceram recentemente.

Resposta única

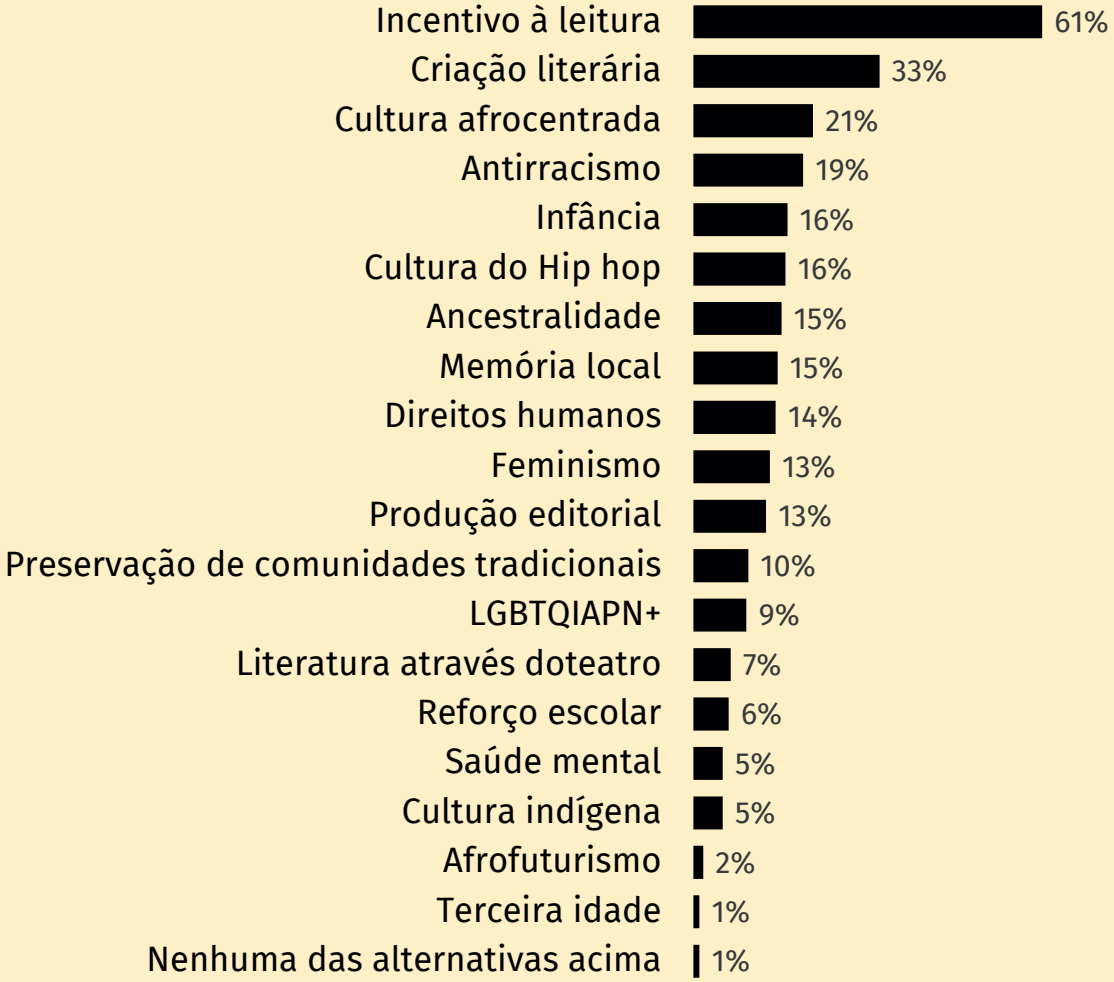
5- Coletivos que possuem formalização (CNPJ):



6 a cada 10 coletivos não possuem CNPJ, demonstrando que a formalização não é uma realidade majoritariamente presente nos coletivos literários.

Resposta única

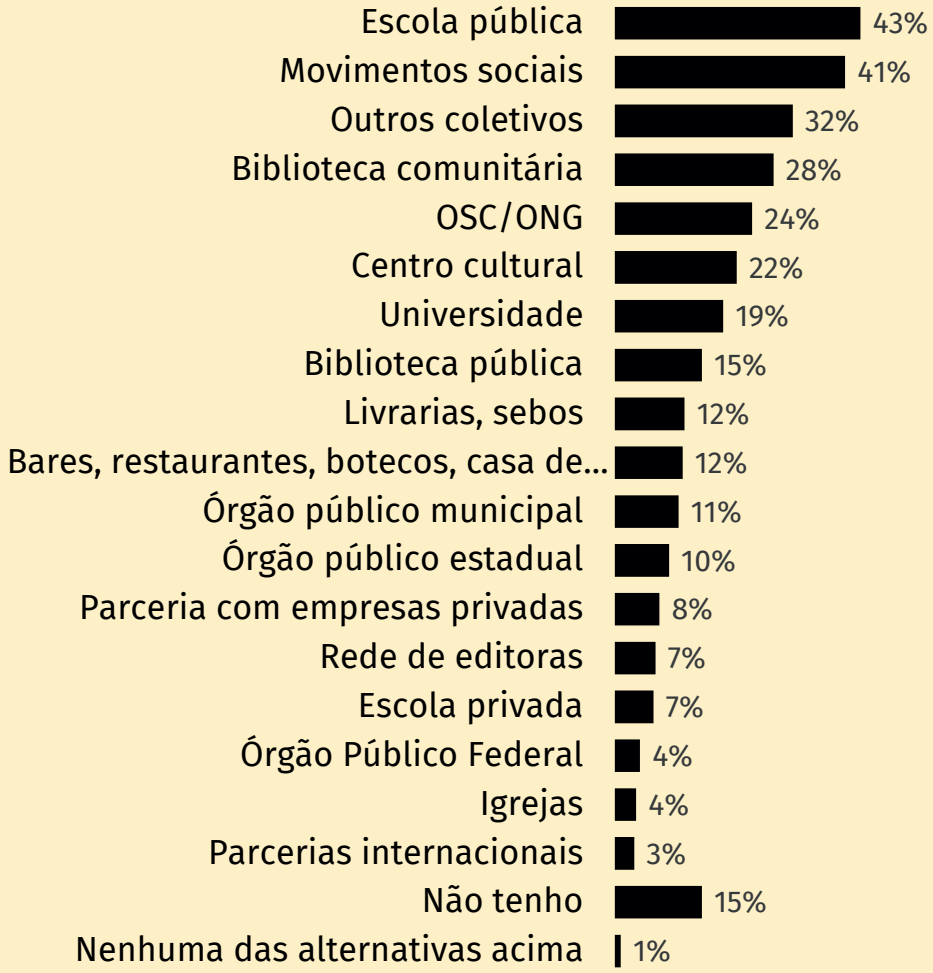
6- Temas trabalhados pelos coletivos literários:



6 a cada 10 coletivos possuem o incentivo à leitura como um dos temas norteadores dos seus trabalhos. Porém vale realçar, que as questões raciais também possuem grande destaque como tema norteador, já que cultura afro centrada, antirracismo, cultura do Hip Hop, ancestralidade, preservação de comunidades tradicionais, cultura indígena e afrofuturismo possuem ligação direta com o tema étnico-racial, e sobretudo, negritude. Somando as respostas que esses itens tiveram, a questão racial ganha destaque como um dos principais temas norteadores dos coletivos.

Respostas múltiplas com limite

7- Parceria com outras organizações:



Sobre parcerias com outras organizações, 4 a cada 10 coletivos são parceiros de Escolas Públicas e/ou Movimentos Sociais. Em número menor, os coletivos também são parceiros de organizações de diversas naturezas, como OSCs, centro cultural, bibliotecas ets. Porém, é preocupante a escassez de parcerias com órgãos públicos, apenas 11% possuem parcerias com o órgão público municipal, 10% com o órgão público estadual e somente 4% com o órgão público federal.

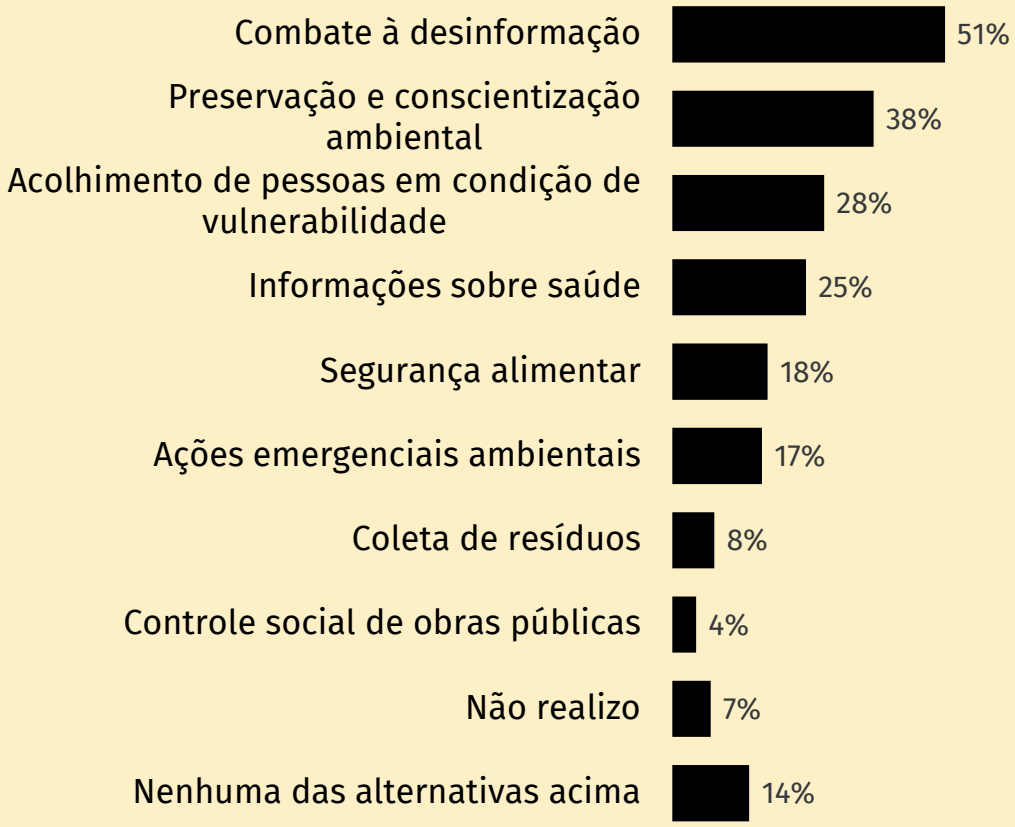
Respostas múltiplas sem limite

8- Principais ações dos coletivos literários:

Entre as principais atividades que os coletivos realizam estão: Sarau (36%),Circulação de livros (32%) e Mediação de leitura (28%). Nota-se uma grande diversidade de atividades realizadas pelos coletivos, dialogando com outras vertentes como música, performances e formações.

Respostas múltiplas com limite

9- Ações promovidas para além da área literária:



93% dos coletivos promovem ações para além da literatura, o que demonstra como os coletivos literários atuam em diferentes esferas dentro da periferia. Das ações realizadas, se destacam as de caráter de conscientização e informação da população nos territórios em que atuam.

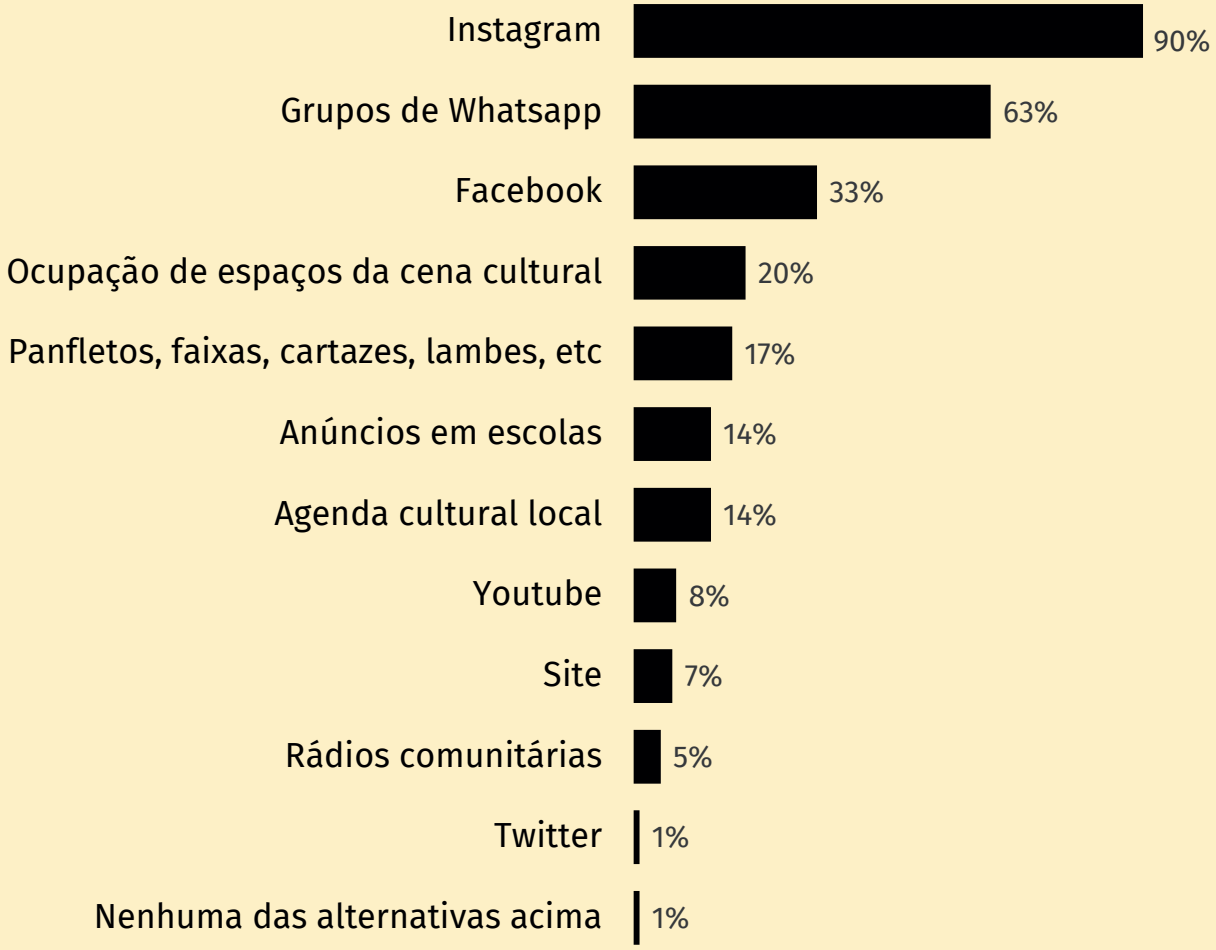
Respostas múltiplas sem limite

10- Principais lutas que os coletivos participam:

96% dos coletivos são engajados em lutas sociais em seus territórios, demonstrando que são agentes de mudanças dentro de seus contextos. As lutas sociais são diversas, e os coletivos possuem uma grande diversidade de pautas e causas. Porém a luta antirracista se destaca, com 64% de coletivos engajados nessa causa, conversando com os dados dos outros gráficos que mostram a centralidade da pauta étnico-racial por parte dos coletivos.

Respostas múltiplas com limite

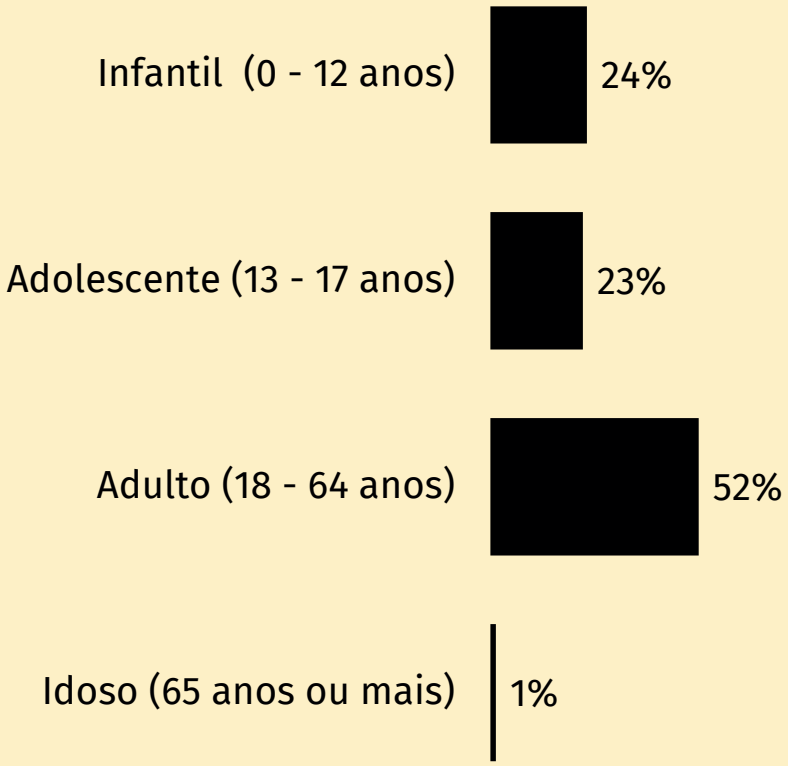
11- Estratégias de mobilização de público:



9 a cada 10 coletivos utilizam o Instagram como principal estratégia de mobilização do público para suas atividades. Em segundo lugar, e também com grande destaque, 6 a cada 10 coletivos utilizam o WhatsApp.

Respostas múltiplas com limite

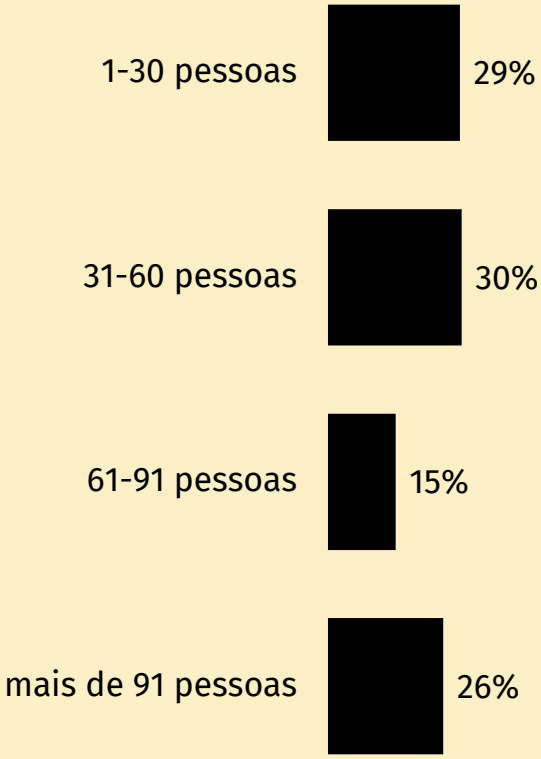
12- Principal faixa etária atendida pelo coletivo:



Mais da metade dos coletivos (52%) atendem como principal faixa etária os adultos. A outra metade dos está bem dividida entre atender crianças (24%) e adolescentes (23%). Coletivos que atendem a faixa etária de idosos é quase inexistente (1%).

Resposta única

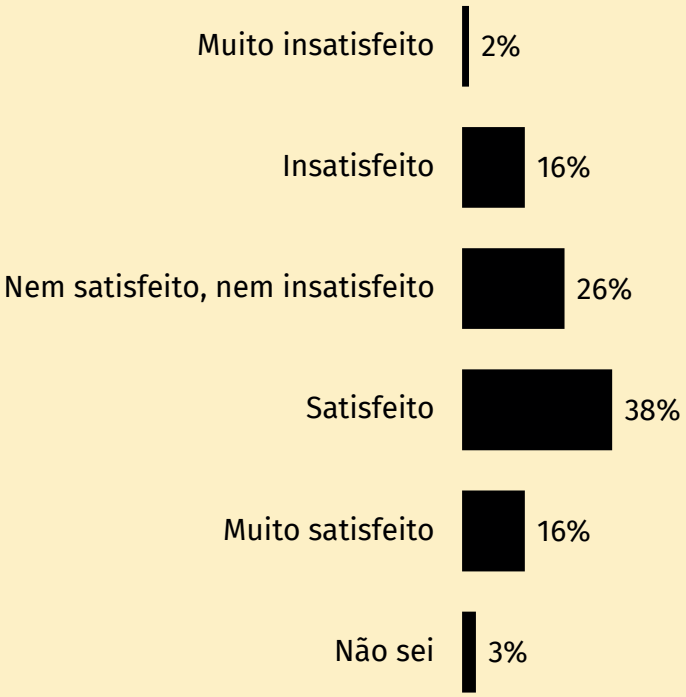
13- Quantidade mensal aproximada de pessoas que participam das atividades do coletivo como público:



Os coletivos possuem uma grande variedade na quantidade mensal aproximada de pessoas que participam das suas atividades como público. A faixa de 61 a 91 pessoas foi a que mais se diferenciou das outras faixas, sendo a menos respondida pelos coletivos (15%).

Resposta única

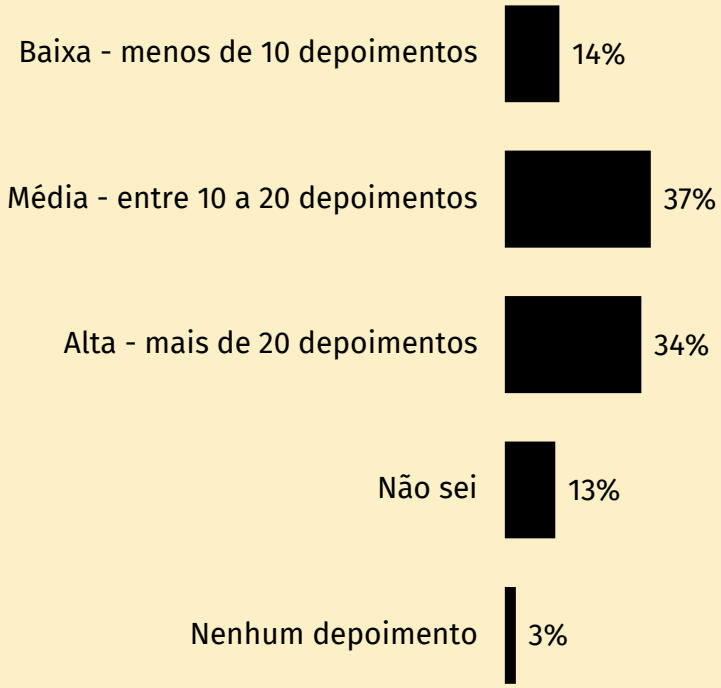
14- Satisfação com o impacto do trabalho do coletivo na leitura das pessoas na comunidade:



Mais da metade (56%) dos coletivos estão satisfeitos ou muito satisfeitos com o impacto do trabalho do coletivo na leitura das pessoas da comunidade.

Resposta única

15- Frequência que o trabalho aparece como impacto positivo no depoimento de mães, pais, familiares nos hábitos dos filhos nos últimos 6 meses:



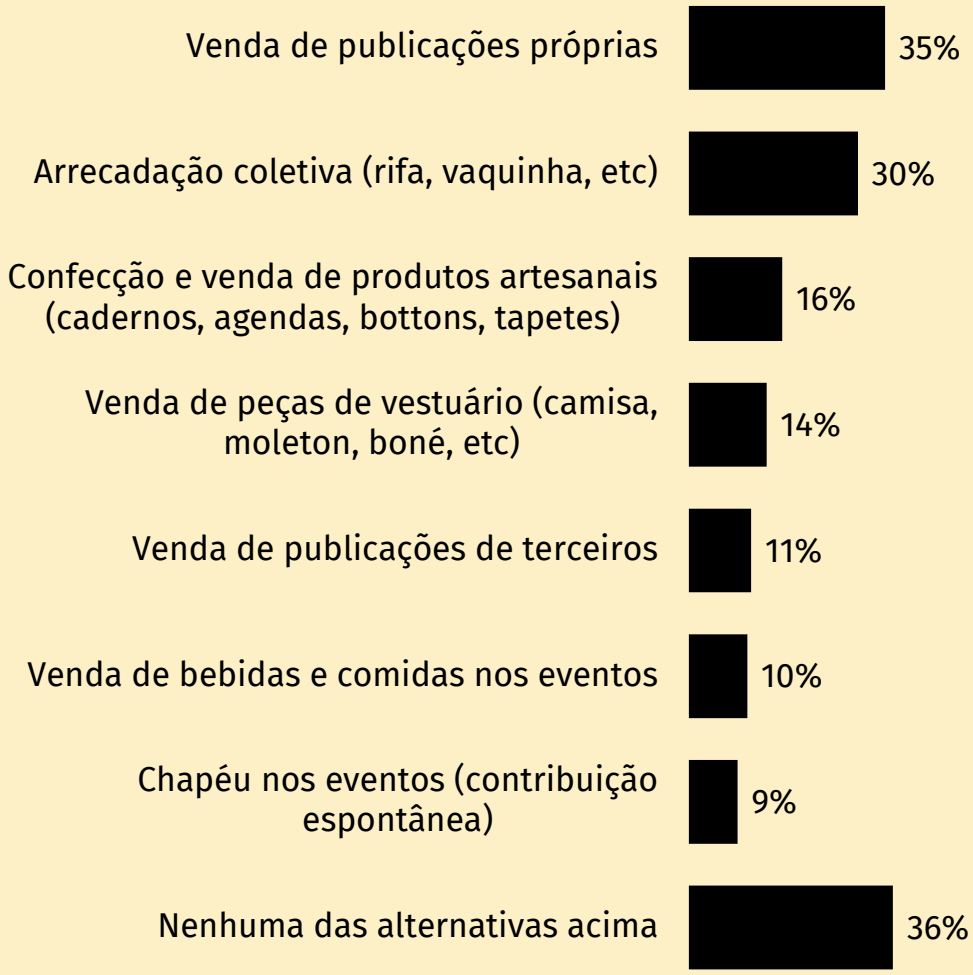
Sobre a frequência com que o trabalho do coletivo aparece como impactante no depoimento de mães, pais e familiares nos hábitos dos filhos, observa-se que 7 a cada 10 coletivos possuem uma frequência média ou alta, o que revela que os coletivos possuem impacto significativo na vida das crianças da comunidade.

Resposta única

.RECURS

SOS

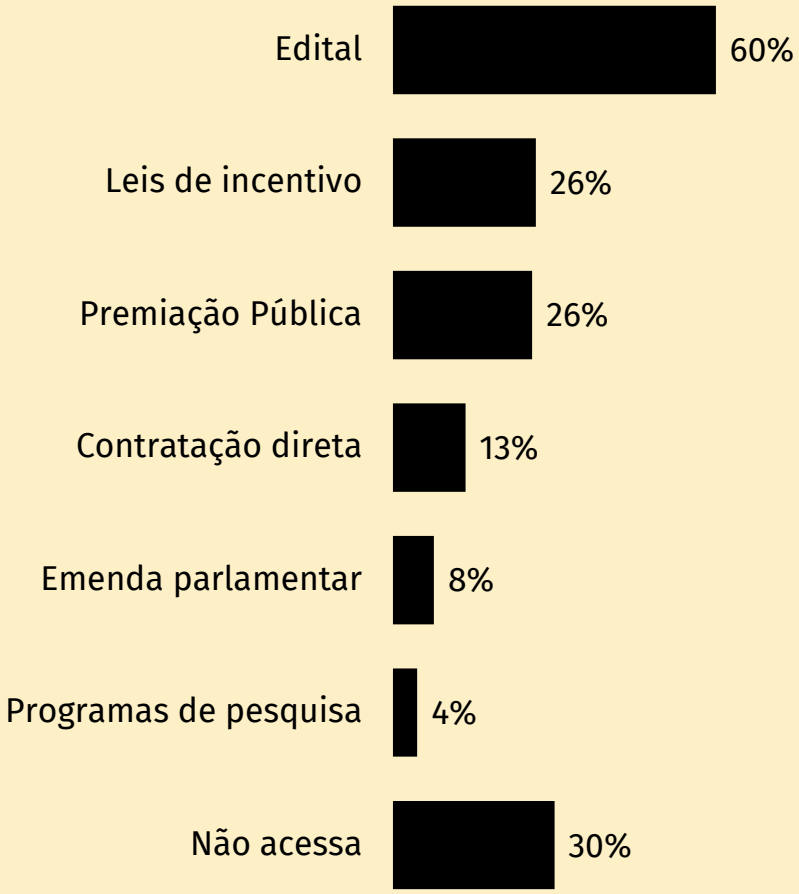
16- Atividades para geração de sustentabilidade:



A venda de publicações, produtos e alimentação são as principais atividades exercidas para geração de sustentabilidade dos coletivos. Paralelo a isso, 3 a cada 10 coletivos já realizaram ou realizam arrecadações coletivas para angariar fundos. Cabe se atentar ao número de 36% que não assinalaram nenhuma alternativa, levando a reflexão de que possivelmente não possuem atividades para geração de sustentabilidade, ou exercem outras atividades para esse fim.

Respostas múltiplas sem limite

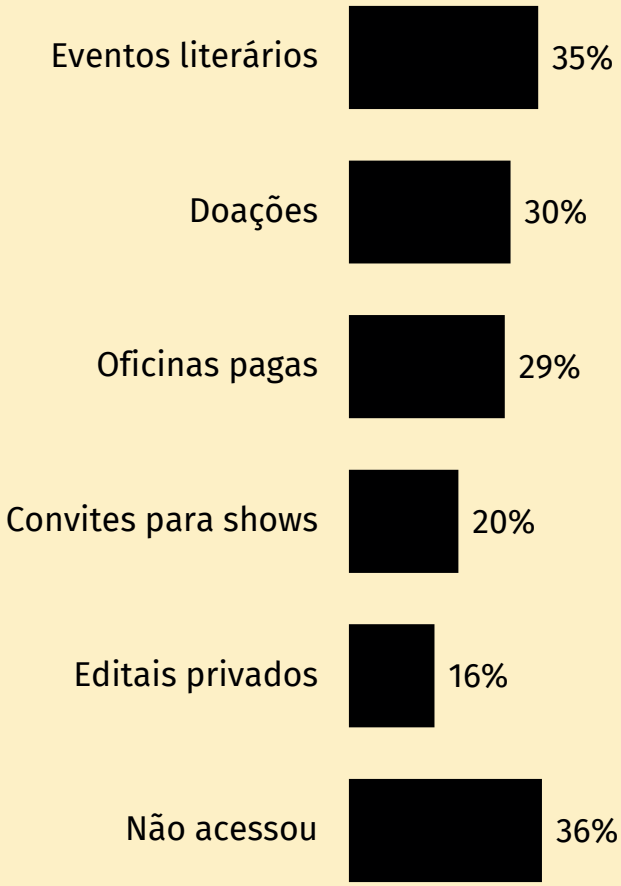
17- Acesso a recursos públicos:



6 a cada 10 coletivos acessaram recursos públicos através de edital, é em disparado o principal meio de acesso.
3 a cada 10 coletivos nunca acessaram recursos públicos, o que revela um número significativo, levando em consideração que a maioria dos coletivos respondentes possuem uma trajetória de 5 anos ou mais.

Respostas múltiplas sem limite

18- Acesso a recursos privados:



Os 6 a cada 10 coletivos já acessaram recursos privados, através de diversos meios como eventos literários, doações, oficinas pagas etc, não havendo um meio que se destaque significativamente em relação aos outros.

Respostas múltiplas sem limite

. TERRITÓ

. DEMAN

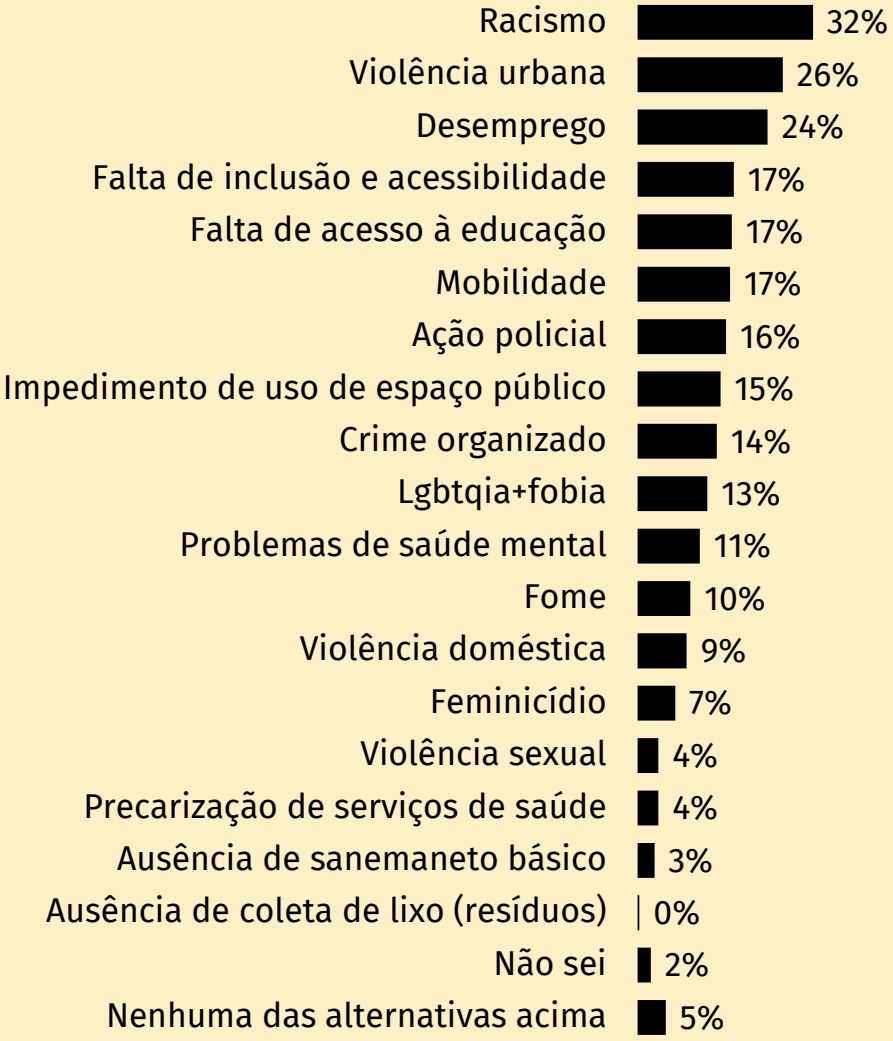
ÓRIO
DAS

19- Equipamentos em funcionamento no território:

7 a cada 10 coletivos contam com Espaços culturais em funcionamento em seus territórios. Metade dos coletivos também contam com bibliotecas em seu campo de atuação. Já livrarias e museus estão presentes nos contextos de apenas 2 a cada 10 coletivos, demonstrando que tais equipamentos dificilmente estão presentes nos territórios periféricos.

Respostas múltiplas sem limite

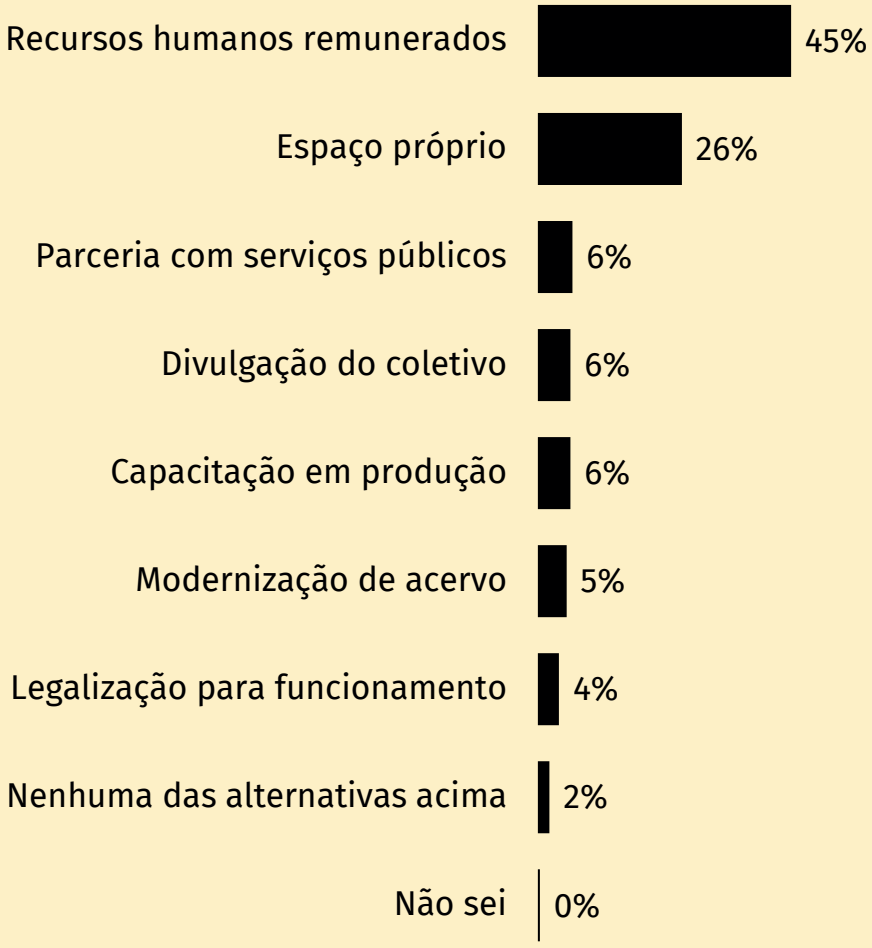
20- Principais violações que impactam o pleno trabalho do coletivo:



As violações que impactam no pleno trabalho dos coletivos são muitas e de naturezas diversas. Porém, em primeiro lugar está o racismo (32%), seguido de violência urbana e desemprego que também se relacionam direta ou indiretamente com a questão racial no Brasil, já que é sabido que a violência urbana e desemprego atingem majoritariamente a população negra.

Respostas múltiplas com limite

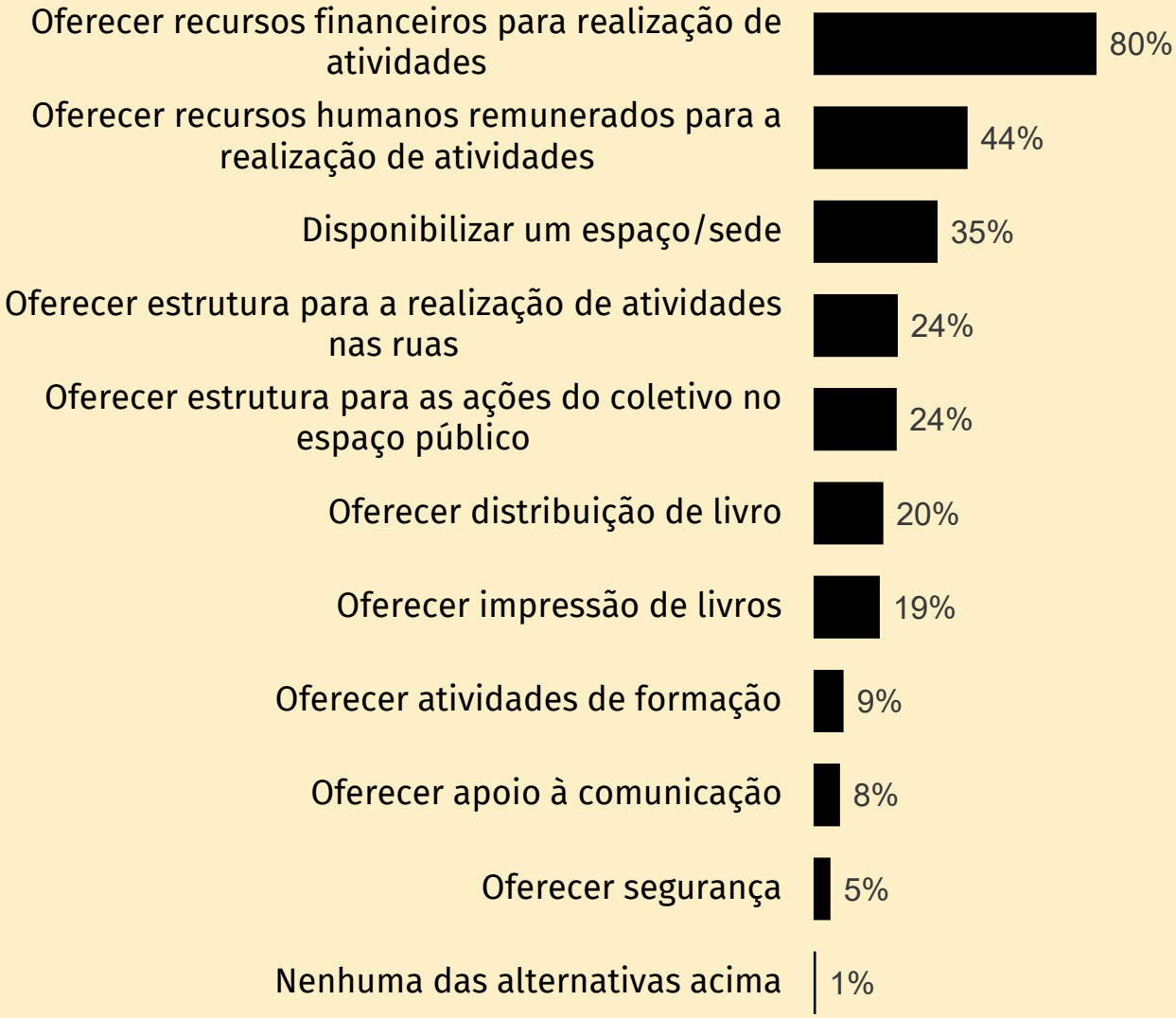
21- Demandas urgentes para o pleno funcionamento do trabalho dos coletivos:



Aproximadamente metade dos coletivos responderam que a demanda mais urgente para o funcionamento de suas atividades é a remuneração dos recursos humanos (45%), seguido da demanda de possuir um espaço próprio (26%). Outras questões de divulgação, parcerias, capacitação etc, tiveram uma baixa porcentagem de respostas.

Resposta única

22- Como o estado poderia fortalecer o trabalho dos coletivos:



80% dos coletivos acreditam que o Estado poderia fortalecer o trabalho do coletivo através da oferta de recursos financeiros para a realização das atividades, seguido de oferta de recursos humanos remunerados (44%) e disponibilização de sede (35%). Novamente os dados demonstram a falta de recursos e remuneração é o que os coletivos mais necessitam no momento para que seus trabalhos sejam fortalecidos.

Respostas múltiplas com limite

23- Políticas públicas que os coletivos gostariam de ver para territórios periféricos:

Sobre políticas públicas voltadas aos territórios periféricos, observa-se que para além da oferta de recursos públicos voltados a cultura na periferia, 6 a cada 10 coletivos responderam ser necessário tornar esses recursos acessíveis, havendo uma menor exigência de formalização para acessá-los.

Respostas múltiplas sem limite

.PUBLIC

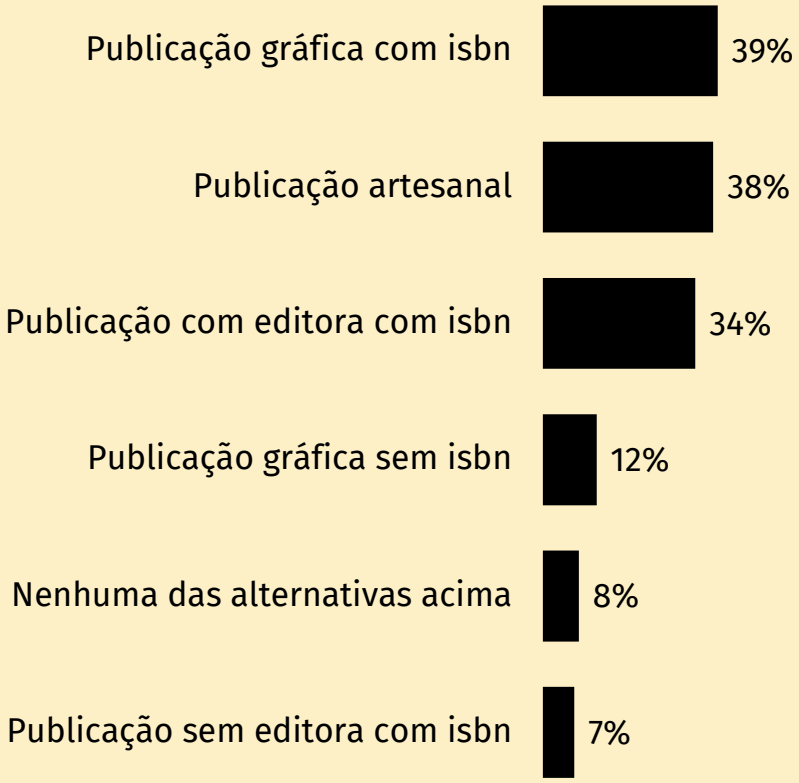
AÇÃO

24- Coletivos que realizam publicações:

Aproximadamente metade dos coletivos realizam publicações e a outra metade não costumam realizar publicações, mas têm interesse.

Resposta única

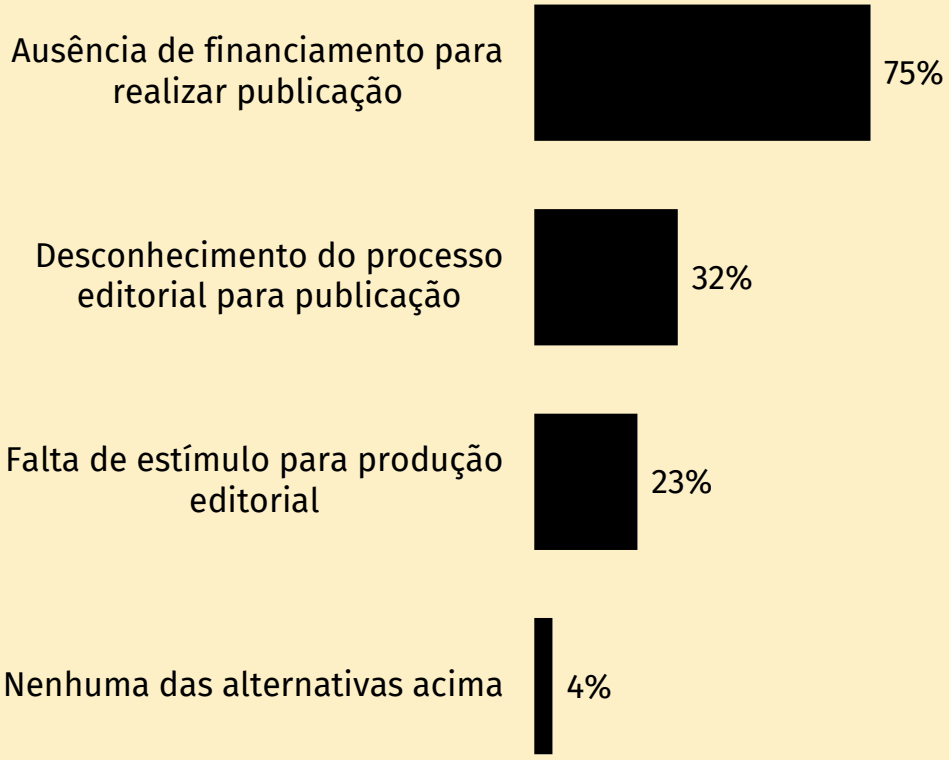
25- Processo de publicação para os coletivos:



Dentre os coletivos que costumam publicar, destaca-se que 39% utilizam da publicação gráfica com isbn, 38% da publicação artesanal e 34% da editora com isbn.

Respostas múltiplas sem limite

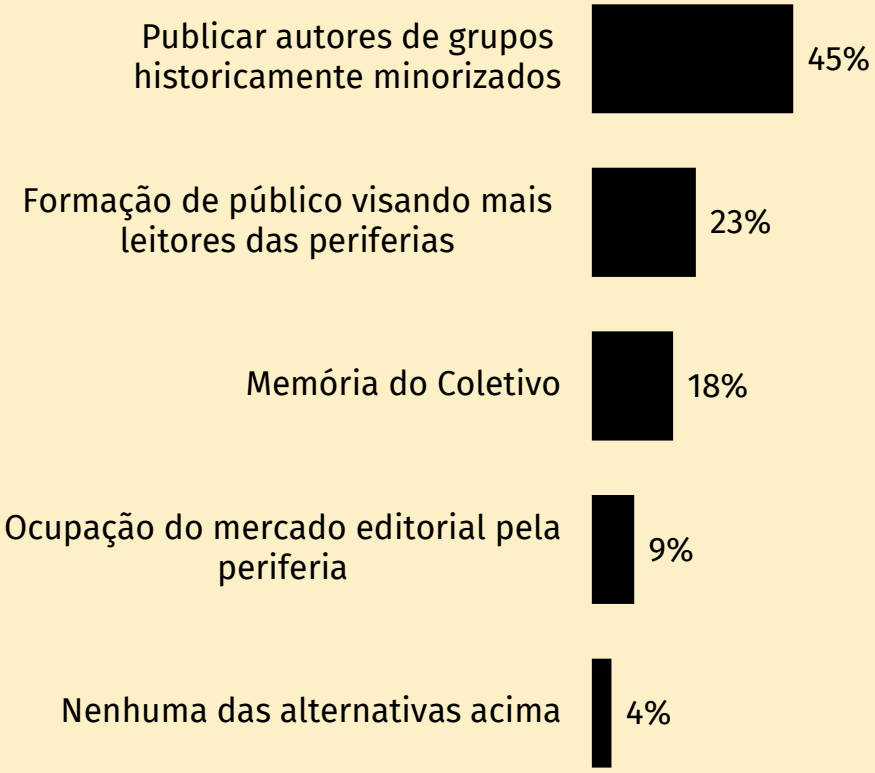
26- O que impede a publicação de que tem interesse, mas ainda não publicou:



7 a cada 10 coletivos que nunca publicaram, revelam que o principal impedimento é a ausência de financiamento para realizar publicações.

Resposta única

27- Para os coletivos que realizam publicações, o principal objetivo é:



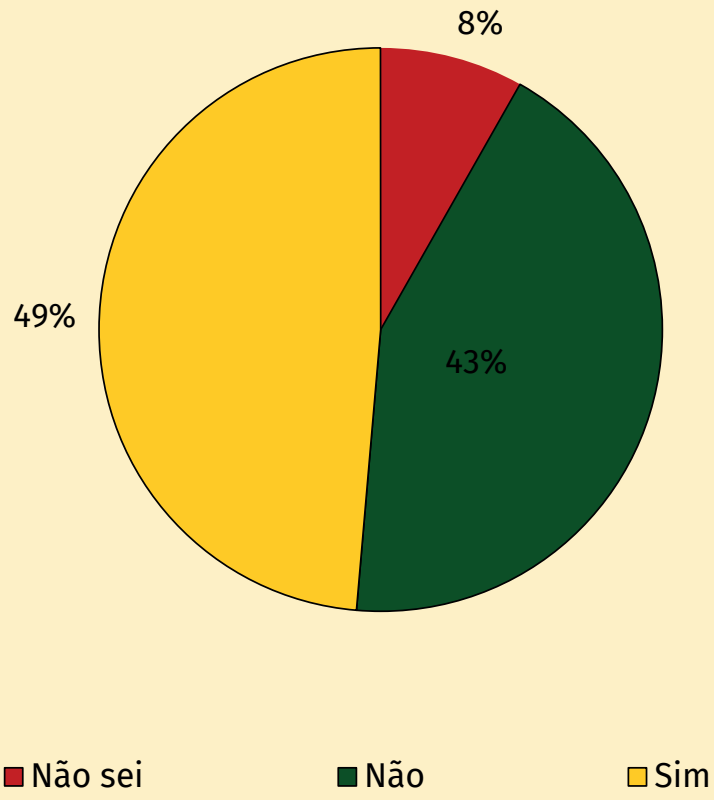
Aproximadamente 5 a cada 10 coletivos que publicam, têm como principal objetivo publicar autores de grupos historicamente minorizados. Porém, o desejo da ocupação do mercado editorial pela periferia, parece algo distante, apenas 1 a cada 10 coletivos publica com esse objetivo.

Resposta única

. POLÍTIC
PÚBLICA
. SAÚDE

CA

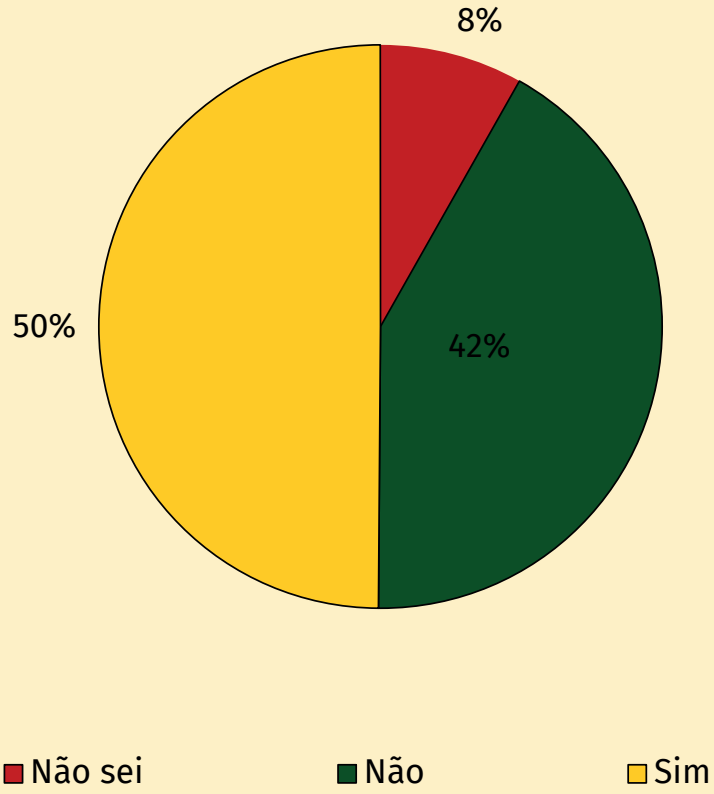
28- Coletivos que conhecem A Política Nacional de Leitura e escrita (PNLE):



Sobre a Política Nacional da Leitura e da Escrita, apenas 50% dos coletivos a conhecem.

Resposta única

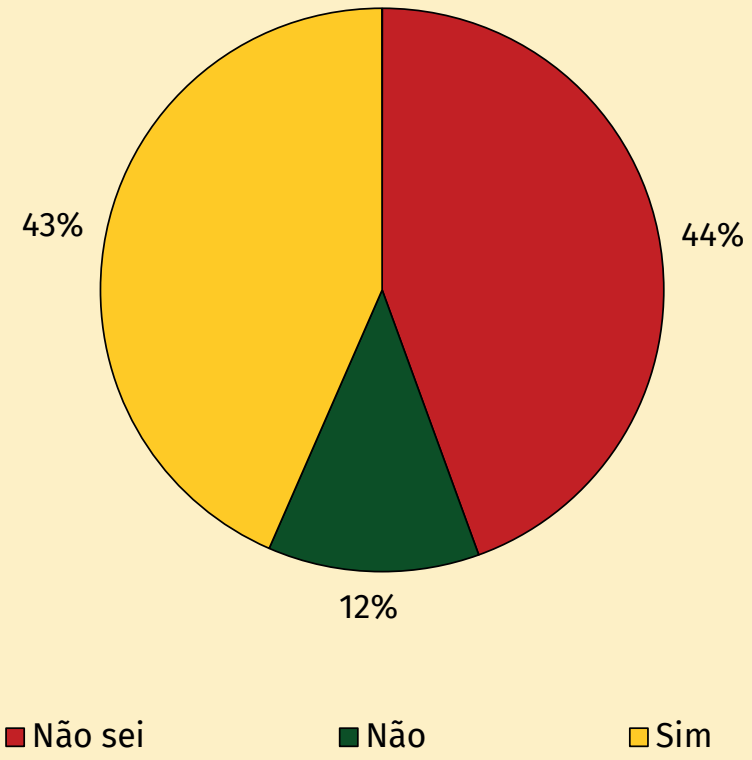
29- Coletivos que conhecem o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL):



Apenas metade dos coletivos conhecem o Plano Nacional do Livro e Leitura. Um número significativamente baixo, levando em consideração que o Plano trata diretamente sobre a área de atuação dos coletivos.

Resposta única

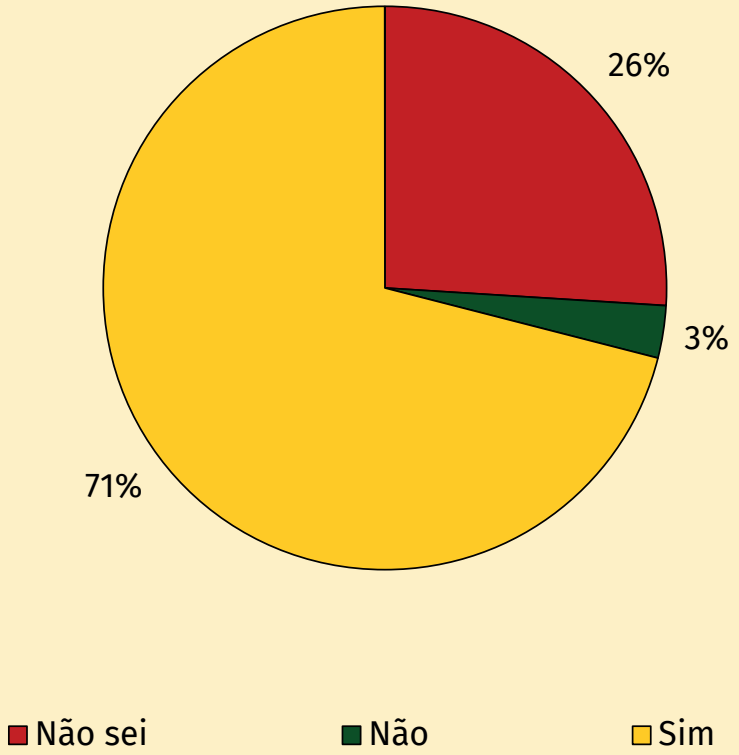
30- Coletivos que sabem da existência do Plano Estadual do Livro e leitura:



4 a cada 10 coletivos afirmam que há em seu estado um Plano Estadual do Livro e Leitura. Destaca-se aqui que 44% dos coletivos não têm conhecimento sobre a existência do Plano em seu estado, um número significativamente alto.

Resposta única

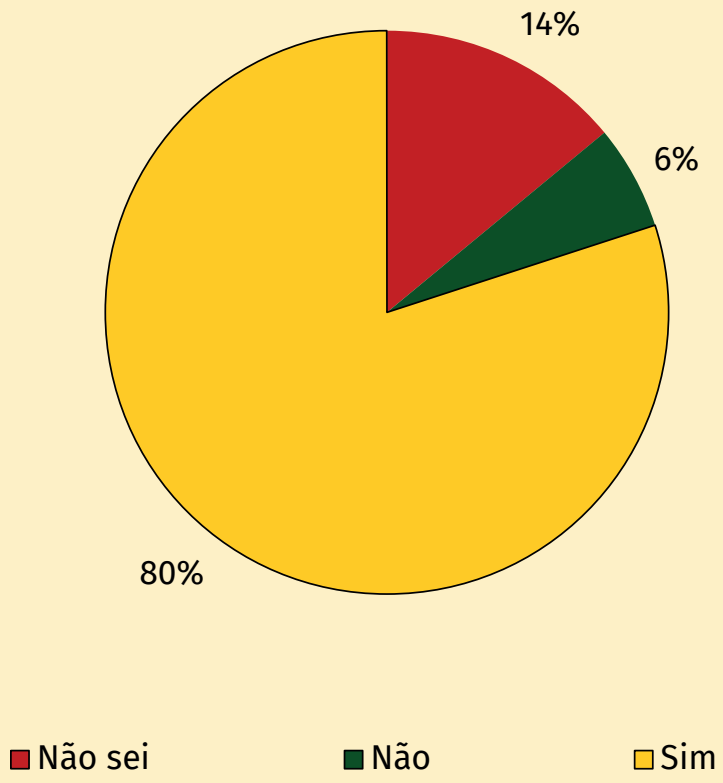
31- Coletivos que sabem da existência de uma lei sobre o Plano Estadual do Livro e leitura:



7 a cada 10 coletivos que afirmaram haver um Plano Estadual do Livro e Leitura, afirmam também que em seu estado há uma lei sobre o Plano. 26 % dos coletivos não sabem se existe uma lei sobre o Plano ou não, o que não leva a concluir que o estado não a possui. Apenas 3% dos coletivos que afirmaram haver um Plano Estadual do Livro e Leitura, relatam não haver uma lei sobre o Plano em seu estado.

Resposta única

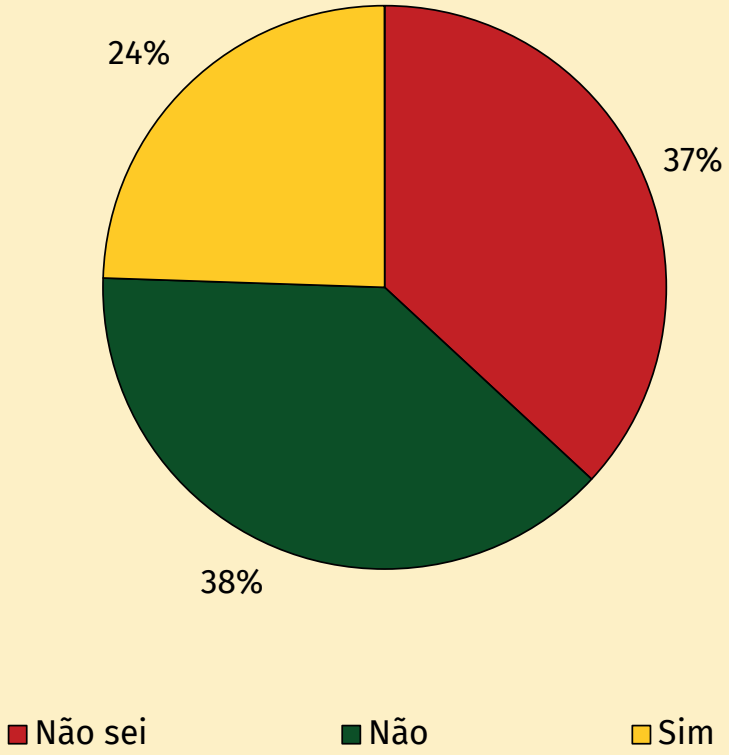
32- Coletivos que sabem da existência de uma lei sobre o Plano Municipal do Livro e leitura:



8 a cada 10 coletivos que afirmaram haver um Plano Municipal do Livro e Leitura, afirmam que em seu município há também uma lei Sobre o Plano. 14 % dos coletivos não sabem se existe uma lei sobre o Plano ou não, o que não leva a concluir que o município não a possui. Apenas 6% dos coletivos que afirmaram haver um Plano Municipal do Livro e Leitura, relatam não haver uma lei sobre o Plano em seu município.

Resposta única

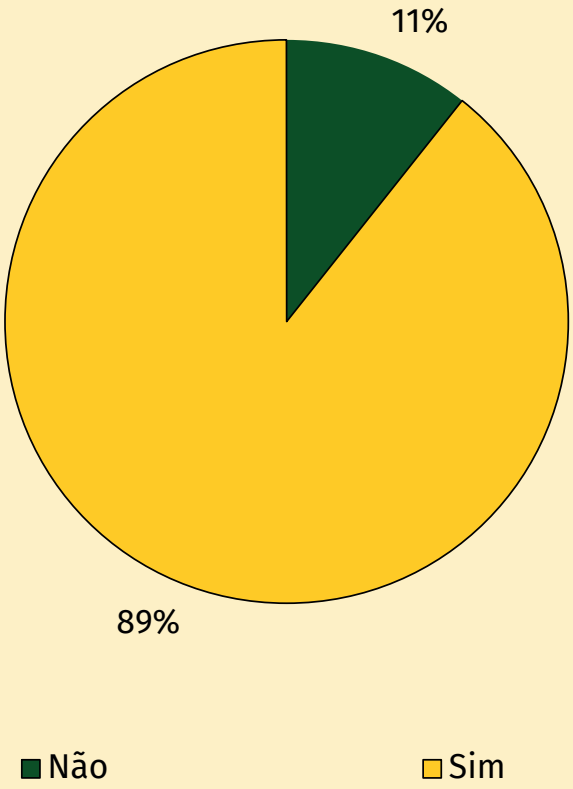
33- Coletivos que sabem da existência do Plano Municipal do Livro e leitura:



Sobre o Plano Municipal de Livro e Leitura, 2 a cada 10 coletivos afirmam a existência dele em seu município. 4 a cada 10 coletivos não sabem se o Plano é existente em seu município ou não, um número significativo, levando em consideração que esse Plano tem relação direta com a área de atuação dos coletivos

Resposta única

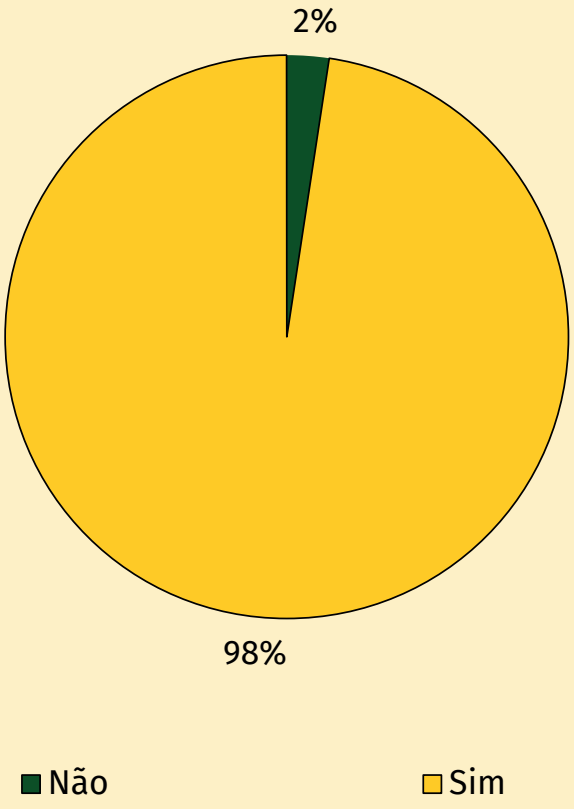
34- Coletivos que sabemque literatura e saúde podem juntos promover participação social:



9 a cada 10 coletivos sabem que literatura e saúde podem se conectar para promoverem maior participação social. Um número grande, revelando que os coletivos possuem consciência de seus potenciais enquanto articuladores de participação social.

Resposta única

35- Interesse em participar de uma rede que discuta políticas públicas:



Majoritariamente, 98% dos coletivos têm interesse em participar de uma rede que discute políticas públicas (ações e programas desenvolvidos pelo governo para garantir direitos e, principalmente, para atender às necessidades da população) para as periferias para o campo do livro, leitura, literatura e bibliotecas através da participação social.

Resposta única

PRÓXIMOS PASSOS

O novo volume dos Cadernos da PBL surge após um ano marcante para esta rede de coletivos literários de periferia. Em 2024, realizamos o primeiro encontro nacional em Salvador, onde compreendemos que a mobilização regional pode ser ainda mais eficaz do que as articulações em âmbito nacional.

A presença de coletivos de toda a Bahia, com mesas de debate, intervenções urbanas e saraus, culminou em uma audiência pública na Assembleia Legislativa, trazendo à cena literária das periferias para o centro do diálogo com o poder público (poderes legislativos municipal e estadual, secretarias de estado, fundações e autarquias públicas, academias de letra da Bahia e ministérios estiveram presentes). Esse encontro gerou frutos: pautas antigas ganharam fôlego, e novas agendas foram construídas.

Aprendemos que a participação consequente depende da composição entre sociedade civil e poder público. Por isso, os Círculos Metropolitanos, etapa regional da pesquisa realizado entre coletivos literários de um mesmo estado para debate dos resultados da pesquisa, puderam - em algumas ocasiões - se transformar em Encontros Estaduais da PBL, ao viabilizar a presença de representantes dos poderes Executivo e/ou Legislativo. Isso aumenta a presença de mais atores da sociedade civil.

Muitos enxergam nessas ocasiões a rara oportunidade para o diálogo com quem opera o estado. E eles têm razão. Para fomentar tais conclaves, a nossa pesquisa se tornou ainda mais uma ferramenta estratégica para dar conteúdo e roteiro a tais diálogos e soluções estruturantes. A ideia é que dos dados sistematizados, tenhamos material que alimente os horizontes de construção ou adequação de políticas públicas saudáveis para territórios socioambientalmente vulnerabilizados.

Diante dessas possibilidades de reforço às demandas regionais, este caderno, no volume 2, atualizou suas funções: não apenas registra, mas também conecta, mobiliza e fortalece as lutas dos coletivos literários de periferia nas cidades, nos estados. A PBL aprendeu a ser uma rede nacional que, solidária, possa ser serventia para a pulsação regional.

A literatura, desde que no trabalho coletivo e de ambição emancipatório, pode ser uma plataforma colaborativa de Promoção da Saúde para ampliar direitos, combater desigualdades e construir justiça social.

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA FIOCRUZ
Mário Moreira

COORDENADOR DA COOPERAÇÃO SOCIAL DA FIOCRUZ
Leonídio Sousa Santos

ELABORAÇÃO
Felipe Eugênio
Mariane Martins

CONSULTORIA DE PESQUISA
Ana Luiza Canalli

MEMBROS DA REDE PBL
Carla Nobre
Dudu Souza
Fabricio Brito
Joseane Menezes
Jucelino Sales
Isadora Escalante
Israel Neto
Lara Nunes
Mona Lisa da Silva
Philipe Valentim
Preto Michel
Reginaldo Pereira
Vanessa Almeida
Viviane Peixoto

COLETIVOS DA REDE PBL
As Juremas - AP
Beabah! - RS
Biblioteca Comunitária Caranguejo de Tabaiares - PE
Biblioteca Comunitária Girassol - RS
Coletivo Papo Reto - DF
Coletivoz Sarau de Periferia - MG
Ecomuseu de Manguinhos - RJ
Editora Kitembo - SP
Escambo Literário - PA
Grupo de Arte Popular A Pombagem - BA
Periferia que Lê - CE
Rede Baixada Literária - RJ
Rolé Literário - RJ
Slam das Mulé - BA

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA COOPERAÇÃO SOCIAL
Luíza Gomes

COMUNICAÇÃO PBL
Matheus Chagas

PROJETO GRÁFICO E ORGANIZAÇÃO
Mariane Martins

ILUSTRAÇÕES
Pablo Meijueiro

UERJ PROJETO DE EXTENSÃO
Prof. Dra. Beatriz Vieira

PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL
Luiz Inácio Lula da Silva

VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL
Geraldo Alchmin

MINISTRO DE ESTADO DA SAÚDE
Alexandre Padilha

MINISTRA DE ESTADO DA CULTURA
Margareth Menezes

SECRETÁRIO EXECUTIVO
Márcio Tavares

SECRETARIA DE FORMAÇÃO CULTURAL, LIVRO E LEITURA – SEFLI/MINC

SECRETÁRIO DE FORMAÇÃO, LIVRO E LEITURA
Fabiano Piúba

DIRETOR DE LIVRO, LEITURA, LITERATURA E BIBLIOTECAS
Jéferson Assumção

COORDENADORA-GERAL DE LIVRO E LITERATURA
Andressa Marques

COORDENADOR DE LITERATURA
Igor Ximenes Graciano

CHEFE DE DIVISÃO DE LITERATURA
Maiesse Gramacho

REALIZAÇÃO:

MINISTÉRIO DA SAÚDE

MINISTÉRIO DA CULTURA